

DA EUROPA À ÁSIA, DAS AMÉRICAS AO CONTINENTE AFRICANO: MOEDAS, FEIRAS E BANCOS NOS IMPÉRIOS DA ERA MODERNA (SÉCULOS XV-XIX)*

FROM EUROPE TO ASIA, FROM THE AMERICAS TO THE AFRICAN CONTINENT:
MONEY, FAIRS, AND BANKS IN THE EMPIRES OF THE MODERN AGE
(15TH-19TH CENTURIES)

Prof. Dr. Joseph Abraham Levi 雷祖善博士^{**}

RESUMO

Usando como trampolim o surgimento dos sistemas monetários e bancários, neste estudo examinar-se-ão as dinâmicas plurisseculares, globais e paralelas – por vezes, sem nunca se cruzarem – que fizeram com que surgissem sistemas financeiros com a finalidade de servir a nação, quer no seu crescimento interno quer nas suas ramificações externas, ambos a garantirem a estabilidade económica nacional e (trans)regional. Factores políticos e razões sociológicas (incluindo a religião) servirão de guia na nossa análise de algumas sociedades globais que, entre o século XV e o século XIX, conseguiram criar um império e impor o seu modelo económico. Exemplos elucidativos das numerárias, dos alborques e sistemas bancários instituídos e perpetuados por poderes do novo mundo, do velho continente, da Ásia e do continente africano ajudar-nos-ão a compreender as dinâmicas que sustentaram estas potências que subsistiam e atingiriam o seu esplendor e apogeu entre o século XV e o século XIX.

PALAVRAS-CHAVE: Banca. Banco. Moeda. Economia. Feira. Finanças. Império(s).

ABSTRACT

Using as a springboard the establishment of monetary and banking systems, in this study I examine the many centuries-old dynamics, global and parallel – at times never converging – that triggered the birth of financial systems aiming at serving the nation, for its internal growth as well as in its external ties to the world, thus guaranteeing national and (trans)national economic stability. Political factors and sociological reasons (including religion) will guide me in my analyses of some global societies that between the 15th and the 18th centuries were able to create an empire and impose their economic model. Elucidative examples of legal tender, financial transactions, and banking systems located in and operating from the new world, Europe, Asia, and the African continent will help me understand the dynamics that buttressed these powers that reached their peak between the 15th and the 19th centuries.

KEYWORDS: Bank. Exchange. Money. Economy. Fair. Finance. Empire(s).

* Texto escrito conforme o Acordo Ortográfico, variante Português Europeu. Referências e citações de publicações escritas conforme o Acordo Ortográfico de 1973 permaneceram fiéis a esta convenção gráfica.

** Investigador de Língua Portuguesa e Estudos Lusófonos, Africanos, Islâmicos e Sefarditas na George Washington University. Professor visitante no Moon Chun Memorial College, Universidade de Macau Doutor em Filologia e Linguística Românicas pela University of Wisconsin-Madison; Mestrados em Português e Italiano pela University of Wisconsin-Madison. Email: jalevi21@gwu.edu.

I

Muito provavelmente os *caurins* (Figura 1)¹ – conchas brancas ou amareladas com uma valvadorsal convexa – serviram de moeda de troca em muitas áreas geográficas do orbe terráqueo, particularmente em África e na Ásia, já no ano de 1200 antes da nossa era. Pois, devido ao facto de serem todos do mesmo tamanho e rijos, ofereciam (e oferecem) a vantagem de poderem ser usados como alborques durante muito tempo sem deteriorarem-se.

Figura 1 - Caurins



Fonte: CISSÉ, F. Cowrie Shells, What Use Can We Make of Them?. *Last of Afrika*, 2020. Disponível em: <https://lastofafrika.com/les-cauris-quelle-utilisation-peut-on-en-faire/>.

Por conterem uma grande quantidade de moluscos gastrópodes de concha branca ou amarelada – nomeadamente, os caurins – as águas costeiras dos oceanos Índico e Pacífico foram o palco da primeira troca comercial entre seres humanos a larga escala, prática que rapidamente se espalhou por mar (África Oriental, Sudeste Asiático e Oceânia) e por terra (Ásia e Europa).² Nas Américas, os *wampuns* (Figura 2)³ – contas feitas de conchas prevalentemente brancas – foram usadas pelas populações da América do Norte como alborques/moedas entre tribos de uma mesma nação – como no caso dos Algonquianos – assim como entre nações indígenas de diferentes regiões (hodiernos Canadá e Estados Unidos).

¹ Os Caurins são peças, geralmente de origem calcária, que integram as conchas de alguns animais.

² Contudo há evidência arqueológica de que o primeiro uso de conchas brancas como moeda de troca principiara em solo chinês (BROWN, 2023).

³ Wampum é o termo usado pelas tribos algonquianas de Massachusetts e Narragansett para designar as “conchas brancas” do molusco marinho encontrado na vertente atlântica da América do Norte.

Figura 2 – *Wampuns*

Fonte: Wampum: Stories from the Shells of Native America. *Mayflower 400 2021*. Disponível em: <https://www.mayflower400uk.org/events/2021/may-2021/wampum-stories-from-the-shells-of-native-america/>.

Estudos arqueológicos mais recentes indicam que, há mais de dois mil anos, os caçadores-coletores do centro-sul da hodierna Califórnia usavam conchas de caracóis marítimos (Figura 3) como moedas de troca nas transações entre si e com as demais populações com as quais tiveram contacto.

Figura 3 – Conchas de caracóis marítimos



Fonte: GAMBLE, L. The Origin and Use of Shell Bead Money in California. *Journal of Anthropological Archeology*, n. 60, Dec. 2020. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0278416520302105?via%3Dihub>

Se comprovados esses estudos, estaríamos perante o primeiro uso de moeda nas Américas. Afirma Gamble (2021):

The hunter-gatherers centered on the Southcentral Coast of Santa Barbara were using highly worked shells as currency as long as 2,000 years ago. [...] If the Chumash were using beads as money 2,000 years ago [...] this changes our thinking of hunter-gatherers and sociopolitical and economic complexity. This may be the first example of the use of money anywhere in the Americas at this time.

Na Oceânia, os fijanos optaram por usar os dentes de baleias, enquanto os naturais da Ilha de Yap (Figura 4)⁴ escolheram os *rai* – grandes discos de calcário (Figura 5) – para as transações comerciais realizadas entre si, assim como com as demais populações da Micronésia e de mais além.

Figura 4 - Ilha de Yap



Fonte: RANFRANZ, P. *Yap Island. Missing Air Crew. The Search for the Coleman B-24 Crew*. Disponível em: <http://www.missingaircrew.com/yap.asp>.

Figura 5 – Rai



Fonte: O MUNDO VARIÁVEL (2015)

Sobre a história do uso dos rai, explica COHN (2023):

⁴ Situada entre as ilhas de Guam e Palau, Yap é um dos quatro Estados que constituem os Estados Federados da Micronésia: Chuuk, Kosrae, Yap e Pohnpei.

The history of *rai* – doughnut-shaped stone money that varies in size from a few centimeters to upwards of 13 feet – dates back centuries. More than just currency, the ancient limestone disks hold social and ceremonial value. These significant artifacts are scattered around the island. Villages even have outdoor banks to display the larger pieces.⁵

Devido ao peso e às dimensões dos rai, os alborques baseavam-se (e continuam a basear-se até hoje) em acordos verbais, pois os *rai* não se podiam (e não se podem) transportar facilmente de um lugar para outro. A revista *O mundo variável* (2015) traz uma descrição desses objetos e da forma utilizada para transportá-los:

As pedras tradicionalmente tinham a forma de uma baleia [...] Rai significa baleia no idioma local, [mas com o passar dos séculos] deixaram de ter a forma de baleia e assumiram uma forma circular com um furo no centro nas pedras maiores, que têm o único propósito de facilitar o seu transporte, feito através de um tronco passado por esse furo. Apesar de ser uma moeda algumas das pedras Rai chegam a ter vários metros de diâmetro e seu peso só pode ser movimentado por muitos homens.

Apesar de o uso dos metais para cunhar moedas remontar à antiga Babilónia⁶, a cunhagem de moedas (particularmente de electro⁷, da prata e do ouro) e a concomitante invenção de um sistema monetário organizado, só principiaram entre os séculos VI e VII antes da nossa era, no Reino da Lídia (Figura 6).

Figura 6 – Reino da Lídia



Fonte: *Kingdom of Lydia at its Greatest Extent*. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Kingdom_of_Lydia.png.

⁵ “A história do *rai* – moeda de pedra em forma de disco a medir entre alguns centímetros até quase 92 centímetros – perde-se na escuridão do tempo. Além de serem usados como moedas de troca, estes antigos discos de calcário possuem um valor social e cerimonial. Estes lindos artefactos encontram-se espalhados um pouco por toda a ilha, pois estes grandes discos estão expostos em montras ao ar livre” (Tradução nossa).

⁶ O *shekel*, siclo em português, foi uma das mais antigas unidades de peso usada na Mesopotâmia (c. 3000 antes da nossa era). Corresponhia a um peso de cevada, ou seja, 180 grãos (um sétimo de milésimo da libra).

⁷ O electro é uma liga natural que contém cobre, ouro e prata, entre outros metais.

Mais especificamente, entre 610-c. 560 antes da nossa era, durante o reinado de Creso (c. 585-c. 546), foram produzidas as creseidas (ALFARO ASINS, 2009; MELVILLE-JONES, 1986), cujas imagens podem ser visualizadas nas Figuras 7, 8 e 9.

Figura 7 – Creseidas, c. 550 antes da nossa era, Lídia



Fonte: CLASSICAL NUMISMATIC GROUP (CNG). Coins. Kroisos. Circa 564-53-550-39 BC. AV Stater (16mm, 10/76 g). Heavy series. Sardes mint. 16 de novembro de 2018. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Kroisos._Circa_564-53-550-39_BC._AV_Stater_\(16mm,_10.76_g\)._Heavy_series._Sardes_mint.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Kroisos._Circa_564-53-550-39_BC._AV_Stater_(16mm,_10.76_g)._Heavy_series._Sardes_mint.jpg).

Figura 8 - Creseida de prata com imagens de leão e touro



Fonte: JASTROW. Silver Croeseid Issued by King Croesus of Lydia (561-545 BC), observe: lion and bull promotes. 4 de abr. de 2008. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Silver_croeseid_protomes_CdM.jpg.

Figura 9 - Creseidas de electro



Fonte: CNG. Coins. *The World's Oldest Coins*. 2018. Disponível em: <https://cngcoins.com/Coin.aspx?CoinID=334056>.

Já durante o reinado de Alíates I (r. 635-c. 585), pai de Creso, se cunhavam moedas de electro (Figuras 10 e 11).

Figura 10 - Moedas de electro



Fonte : CNG. Kings of Lydia. Alyattes. Circa 620-10-564-53 BC. 31 de outubro de 2018. Disponível em:
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:KINGS_of_LYDIA._Alyattes._Circa_620-10-564-53_BC.jpg.

Figura 11 – Moedas cunhadas sob Alíates II



Fonte: CNG. Kings of Lydia. Period of Alyattes II. Circa 610-560 BC. Triton (Electrum, 13mm, 4,72 g). 2018. Disponível em:
<https://cngcoins.com/Coin.aspx?CoinID=243846>.

Heródoto (c. 484-c. 425) atribui aos lídios a invenção das moedas, pois os lídios “foram os primeiros a introduzir o uso de moedas de ouro e prata e os primeiros a vender mercadoria a retalho” (HERÓDOTO, 1:94; METCALF, 2016, p. 49-50). Para Aristóteles (384-322), a cunhagem teria sido inventada por Hermódique⁸ II, filha de um dos agamemnonitas de Cime – um burgo eólico não muito longe do Reino da Lídia (PÓLUX, 9:83; HALL 1960; MUSCARELLA, 2013) – e consorte do Rei Midas, no século VIII antes da nossa era.

⁸ Também grafado Damónique ou Demónique na obra do famigerado gramático, lexicógrafo e sofista helénico Júlio Pólux (II século antes da nossa era), o *Onomasticon* (Onomástica) – um dicionário de dez volumes de frases e sinónimos usados na língua ática (o dialeto da antiga região grega homónima, incluindo Atenas).

II

Apesar de terem existido casos e situações nas quais a simples troca fez com que surgisse a necessidade de criar um sistema de permuta baseado em objectos físicos e úteis para ambos os lados (o vendedor e o comprador), evidências arqueológicas sugerem que, desde os primórdios, os seres humanos – visando alcançar a posse de um produto – usavam intermediários, agentes especialistas em mediar as negociações comerciais. Há evidência da existência de corretores em todas as culturas do orbe terráqueo a usarem algum tipo de proto-moeda com a finalidade de facilitar a transacção económica.

As proto-moedas surgiram das necessidades específicas de cada momento e região, e de acordo com os usos e costumes locais. O denominador comum parece ser a escolha, para transações comerciais, de objectos considerados raros e/ou de grande valia, como metais preciosos (especialmente lingotes de ouro), conchas (como observado supra), grão, mel, peças de seda e gado, entre outros. Já o primeiro sistema financeiro surgiu com o aparecimento de algum tipo de escrita. A possibilidade de um registo onde se pudesse anotar as transacções entre indivíduos garantia que as finanças se mantivessem estáveis e que prosperassem para o benefício da sociedade civil. Inovações no campo financeiro serviram de trampolim para a criação de novas formas de governo e, eventualmente, contribuíram para o surgimento de novos impérios.

O mercado de matérias-primas – no qual produtos aceites por todos eram trocados com base no valor decorrente da apreciação – representava o alicerce das culturas pré-colombianas e pré-cabralinas, particularmente os Incas, os Maias e os Aztecas. Produtos como conchas, discos de bronze em forma de machado, objectos de jade, plumas, sal, sementes de cacau e tecidos, particularmente o sal e os tecidos, eram as formas de moeda mais apreciadas (BROWN, 2023; JANCUK, 2024). Na Figura 12 pode-se visualizar um produto de tecelagem inca, provavelmente usado como objeto de troca, e na Figura 13, representações pictóricas de atividades de trocas entre povos pré-colombianos:

Figura 12 – Túnica Inca, 1450-1540



Fonte: Dumbarton Oaks Museum, Washington, DC

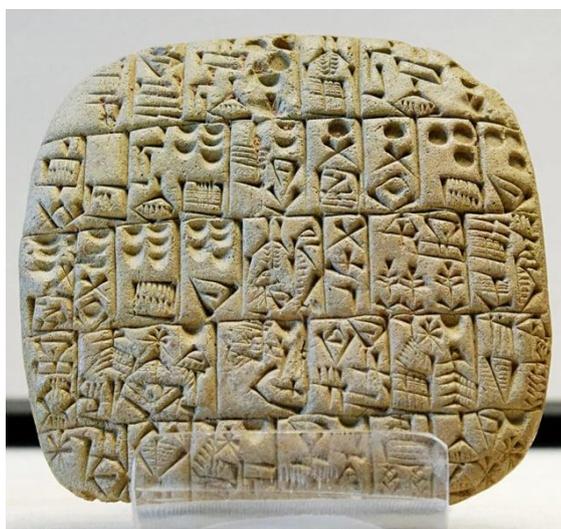
Figura 13 – Comerciantes a venderem jóias, peles, plumas e têxteis (c. 1540-1585)



Fonte: Peterson; Terracino (2019, Livro IX, f. 1)

As tábuas cuneiformes de argila mesopotâmicas (Figura 14) constituem um dos primeiros registos da troca de bens entre indivíduos; ao mesmo tempo, indicam as normas e condições estabelecidas, e aceites por ambos os lados, para que as transacções financeiras fossem realizadas de uma maneira justa e íntegra. São, portanto, os primeiros exemplos de contratos financeiros entre indivíduos e/ou instituições.

Figura 14 - Tábua cuneiformes de argila mesopotâmica (c. 2300 antes da nossa era)



Fonte: Clay Tablet with Sales Contract Inscriptions – Mesopotamia. Disponível em: <https://www.reddit.com/media?url=https%3A%2F%2Fpreview.redd.it%2Fclay-tablet-with-sales-contract-inscriptions-mesopotamia-v0-ttzkxdd1zqe91.jpg%3Fwidth%3D1080%26crop%3Dsmart%26auto%3Dwebp%26s%3D625d9d4a5094064b85fb081e247daac24499fe04>.

O Código de Hamurábi (Figura 15) – conjunto de leis escrito no ano de 1754 antes da nossa era, pelo Rei da Babilónia Hamurábi (r. c. 1792 antes da nossa era - c. 1750 antes da nossa era) – tratava de contratos e transacções comerciais.

Figura 15 - Código de Hamurábi, rei da Babilónia



Fonte : Code de Hammurabi, roi de Babylone; face avant. 2011. Disponível em:
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:P1050763_Louvre_code_Hammurabi_face_rwk.JPG.

Transacções monetárias em mercados locais e entre cidades de língua e cultura gregas, particularmente as *poleis* (Cidades-Estado), mediante o uso de moedas, contribuíram para o surgimento da cultura greco-helénica na bacia mediterrânica (Grécia, Magna Grécia, Egito e Levante). Na Figura 16, visualiza-se uma moeda de Éfeso:

Figura 16 – Moeda de Éfeso (620-600 antes da nossa era)



Fonte: CNG. Ephesos, 620-600 BC. 13 de novembro de 2013. Disponível em:
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ephesos_620-600_BC_FANEOS.jpg.

Na China, com o passar do tempo, as conchas, antes usadas como alforques, aceites em todas as transacções económicas, deram lugar a moedas, quase todas de bronze. Contrariamente à tradição europeia/mediterrânica, o ouro e a prata (símbolo de valor, poder e estatuto social) não eram usados no Império Celeste, nem mesmo pela alta nobreza.

O advento do Islão abriu as portas para o comércio entre povos e culturas muito distantes entre si, porém todos ligados ao vasto mundo islâmico/islamizado – a abranger o al-Ándalus⁹, o Magreb, a África Ocidental e o Médio Oriente, assim como a Ásia Central, a África Oriental¹⁰, o Subcontinente Indiano e o Sudeste Asiático (estando incluso neste último e o resto do mundo de então). No Quadro 1 oferece-se um resumo dos produtos em circulação nesta vasta região, entre o século VII antes de nossa era e o fim da Idade Média:

Quadro 1 - O Médio Oriente e o Comércio Internacional (c. 632-c. 1500 CE)

During the golden age of Islam (c. 650-c. 1250) and the early years of Portuguese exploration in Africa, Asia, and the Americas, the most important goods transported via land and sea routes to, from, and passing by the Middle East were:
Mercury, sugar, wine, and wool (Iberian Peninsula)
Cotton, gold, ivory, salt, and slaves (Maghreb)
Gold, ivory, precious wood, and slaves (Swahili Coast and vicinity)
Animals, carpets, copper, iron, manufactures, naphtha, paper, and textiles (Arabian Peninsula)
Camels, gold, horses, iron, manufactures, and precious stones (Central Asia)
Carpets, copper, drugs, gold, indigo, iron, manufactures, precious stones, precious wood, and textiles (South Central Asia)
Amber, flax, fur, hemp, honey, slaves, tallow, timber, wax, and whalebone (northwest Russia)
Ambergris, aromatics, drugs, indigo, ivory, precious stones, spices, textiles, and tortoise shells (Indian Ocean basin)
Aromatics, drugs, gold, precious wood, spices, and tin (Southeast Asia)
Brocade, camphor, porcelain, satin, silk, sugar, taffeta, and tea (South China Sea basin)
Brocade, jade, rhubarb, silk, and slaves (Northern China)

Fonte: Levi (2011, p. 5)

III

No mundo greco-helénico, a δραχμή *drachmé* (Figura 17), dracma em português, começou a ser utilizada no século VI antes da nossa era, sendo comumente cunhada em prata e, por vezes, também em ouro. As dracmas eram usadas em transacções comerciais em toda a bacia do Mar Mediterrâneo desde o Período Arcaico (c. 800 antes da nossa era - c. 480 antes da nossa era) até ao Período Clássico (século V - século IV antes da nossa era). Um exemplar de dracma da ilha de Egina encontra-se exposta no Figura 17.

Figura 17 - Dracma da ilha de Egina (c. 700-550 antes da nossa era)



Fonte: CNG. BMC. 58. Lot 39. Estimate \$300. Aegina. After 404 BC. AR Drachm (18mm, 5.43 gm) Land tortoise, head turned, seen from above. Disponível em: <https://www.cngcoins.com/Coin.aspx?CoinID=30243>.

⁹ الأندلس Al-Ándalus: a Península Ibérica sob posse muçulmana (711-1492).

¹⁰ A abranger o Corno de África e a Costa Suafli entre Mogadíscio e Sofala.

Na Península Arábia pré-islâmica as moedas comumente utilizadas eram o دينار *dīnār*, dinar em Português, e o درهم *dirham*.

أَخْبَرَنَا قُتَيْبَةُ بْنُ سَعِيدٍ، عَنْ مَالِكٍ، عَنْ مُوسَى بْنِ أَبِي تَمِيمٍ، عَنْ سَعِيدِ بْنِ يَسَارٍ، عَنْ أَبِي هُرَيْرَةَ، أَنَّ
"الدِّينَارُ بِالدِّينَارِ وَالذَّرْهُمُ بِالذَّرْهِمِ لَا فَضْلَ بَيْنَهُمَا " رَسُولُ اللَّهِ صَلَّى اللَّهُ عَلَيْهِ وَسَلَّمَ قَالَ

Dinar for Dinar Dirham for Dirham, no difference between them (*Sunnab* 45).¹¹

O dirham era uma medida de peso árabe de origem grega (a acima referida dracma), “depois unidade de prata do sistema monetário árabe desde tempos anteriores ao Islão [...] até à época mongol” (MACHADO, 1980, p. 250). No *Alcorão* há referência aos dirhans na narração do cativo de José no Egito:

وَشَرَوْهُ بِثَمَنٍ بَخْسٍ دَرَاهِمَ مَعْدُودَةٍ وَكَانُوا فِيهِ مِنَ الزَّاهِدِينَ

Venderam-no por baixo preço, por alguns diremes, pois não queriam guardá-lo (*Alcorão* 12:20; MACHADO, 1980, p. 242).

O دينار *dīnār*, dinar em Português, era “a unidade monetária de ouro do antigo Islão”. Muito provavelmente, o قِنْطَار *qintār*, quintar em Português, equivale a um talento,¹² o qual, na altura, valia cerca de mil dinares (MACHADO, 1980, p. 93). Sobre o quintar e o dinar, pode-se ler no *Alcorão*:

وَمَنْ أَهْلِ الْكِتَابِ مَنْ إِنْ تَأْمَنَهُ بِقِنْطَارٍ يُؤَدِّهِ إِلَيْكَ وَمِنْهُمْ مَنْ إِنْ تَأْمَنَهُ بِدِينَارٍ لَا يُؤَدِّهِ إِلَيْكَ إِلَّا مَا دُمْتَ عَلَيْهِ
قَائِمًا ذَلِكَ بِأَنَّهُمْ قَالُوا لَيْسَ عَلَيْنَا فِي الْأُمِّيَّتَيْنِ سَبِيلٌ وَيَقُولُونَ عَلَى اللَّهِ الْكَذِبَ وَهُمْ يَعْلَمُونَ

Entre a gente do Livro alguns há que, se lhes confias um *quintar*, entregar-te-ão depois inteiro e alguns há que, se lhes confias um *dinar*, não to entregarão senão depois de muitos insistentes (*Alcorão* 3:75; MACHADO, 1980, p. 77).

O talento, por sua vez, era uma medida de peso de origem grega - o τάλαντον *talanton*, depois adotada pelos romanos, o *talentum* – geralmente utilizada para pesar prata, ouro e outros metais preciosos, incluindo o incenso e o marfim, e cujo peso girava em torno dos 8.5 gramas: “auri eborisque talenta”.¹³ Com o passar do tempo, o talento passou a pesar (e valer) muito mais, chegando a ser o equivalente a quase 26 quilogramas.

As medidas de peso babilónicas foram absorvidas pelos israelitas. Isto fez com que o כִּיקָר *kikkar* – talento babilónico, equivalente a pouco mais de 20 quilogramas – se transformasse no *kikkar* talmúdico, que equivalia a 60 *litras*. Uma *litra*¹⁴ – do grego λίτρα, equivalente a um terço da libra romana –, por sua vez, equivalia a 60 *shekels* e um שקל *shekel* (siclo, em Português) equivalia a 20 גרה *gerah* (1/20

¹¹ “Dinar por Dinar, Dirham por Dirham, não há diferença entre eles” (Tradução nossa).

¹² Cf. 1 Reis 9:14; Êxodo 25:39.

¹³ “Talentos de ouro e de marfim” (Virgílio. *Eneida*, 11:333. Tradução nossa). Cf. Barreto (1664-1670) e Almeida (1981).

¹⁴ Também denominado ὀβελός óbolo, do grego *obelós*, broche, e em latim *obolus*, era uma moeda de prata usada no mundo grego desde o século VI antes da nossa era. Equivalia a um sexto da dracma. Oito χαλκός calcos (cobre) formavam um óbolo (CHANTRAINE, 1999; SMITH, 1845, p. 594).

de um *shekel*).¹⁵ No mundo greco-helénico, assim como no Médio Oriente pré-islâmico, um talento equivalia a 60 *minas*¹⁶, uma *mina* equivalia a 100 dracmas (ou 60 *shekels*), um *estáter*¹⁷ equivalia a duas dracmas, uma dracma equivalia a seis óbolos e um óbolo equivalia a oito calcos.¹⁸

A *gerah* equivalia a um quinto do denário romano¹⁹ ou do זוז זוז hebraico (Ezequiel 45:12); contudo, passou a corresponder a um sexto do denário romano ou זוזז hebraico. Um zuz de prata, alusivo à Terceira Guerra Judaico Romana, pode ser visualizado na Figura 18:

Figura 18 – Zuz de prata alusivo à Terceira Guerra Judaico-romana.²⁰



Fonte: TIEDOSTO, T. Bar Kokhba Coin. 2007. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bar_Kokhba_Coin.jpg.

No mundo persa dos Aqueménidas (550-329 antes da nossa era), o זוז passou a ser denominado יְהוּדָה *Yehūd* (Figura 19). Em aramaico e na literatura rabínica a *gerah* é comumente denominada מַעֲבָה *ma'ab/mishnah*, ou seja, moeda. Na Figura 20, encontra-se exposto uma imagem de um *sekel*, atinente ao chamado Século de Cartago e, na Figura 21, pode-se visualizar um denário com imagens de Octaviano e de Marco António.

¹⁵ Cf. Êxodo 25:39 e 30:13; Levítico 27:25; Números 3:47, 18:16; 1 Reis 9: 14; e 2 Reis 5:23.

¹⁶ De origem babilónica, a מִנָּה *mina* hebraica equivalia à μνᾶ *mma* greco-helénica. Uma *mina* equivalia 60 *shekels*.

¹⁷ *Estáter*, do grego στατήρ *statēr* (peso), era uma moeda de prata usada no mundo greco-helénico entre o século VIII antes da nossa era e o ano 50 da nossa era (Lane Fox, 2008, p. 94).

¹⁸ 1 talento = 60 minas; 1mina = 100 dracmas; 1estáter = 2 dracmas; 1dracma = 6 óbolos; 1óbolos = 8 calcos.

¹⁹ *Denário*: Moeda de prata usada entre a Segunda Guerra Púnica (218-201 antes da nossa era) e o reinado de Gordiano III (r. c. 238-244). Apesar de ter sido substituído pelo *antoniano*, o *denário* continuou a ser usado, porém não regularmente, até ao fim da Tetrarquia (293-313). O *antoniano*, primeiramente cunhado em prata, passou a ser cunhado em bronze com uma pequena percentagem de prata. Introduzido por Caracala (r. 198-217) em 215, o *antoniano* foi utilizado durante 85 anos, ou seja, até ao fim do século III (Cf. ABDY 2012, p. 507; CRAWFORD 1974; VAGI, 1999).

²⁰ A Terceira Guerra Judaico-Romana, ou Revolta de Barcoquebas (132-136), foi uma luta sangrenta entre os judeus da *Iudeia* e o Império Romano, este último a dominar a *Iudeia* (província romana). Se não considerarmos a Segunda Guerra Judaico-Romana (מרד הגליות *Mered ha'-Galoyot*, “Rebelião do Exílio” ou Guerra de Kitos, 115-117), a Terceira Guerra Judaico-Romana foi, de facto, a Segunda Guerra Judaico-Romana Cf. Instone-Brewer (2004), Harkavy (1914) e Jastrow (1926).

Figura 19 – Yehud²¹

Fonte: YehudObverse. Disponível em:
<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:YehudObverse.jpg>.

Figura 20 – *Shekel* (siclo de Cartago, 310-290 antes da nossa era)

Fonte: CNG. Carthage EL shekel 2250013. Disponível em:
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Carthage_EL_shekel_2250013.jpg.

Figura 21 – Denário de Octaviano e Marco António, Éfeso



Fonte: BYZANTIUM565. Octavian and Antony Denarius. Disponível em:
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Octavian_and_Antony_denarius.jpg.

IV

²¹ *Yehūd*, topónimo de **يهود مدينة** *Yehūd Medināta* (c. 539 – c. 332 antes da nossa era), era uma região autónoma do Império Aqueménida (550 - c. 330 antes da nossa era).

Figura 23 – *Solidus* de Justino II

Fonte: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Solidus_of_Justin_II_\(obverse\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Solidus_of_Justin_II_(obverse).jpg).

V

Como podemos observar da elucidação oferecida supra, a Península Arábica pré-islâmica herdou a tradição romana, greco-helénica, judaica e persa (aqueménida) quanto às moedas de troca a serem usadas dentro do seu espaço geográfico, assim como além fronteiras, como no caso das transacções comerciais com o resto do Médio Oriente e a Costa Oriental Africana (Corno de África), de um lado, e o Império Bizantino (Costa Oriental do Mar Mediterrâneo e o Egito), do outro.

O advento do Islão não ocasionou nenhuma alteração, pois o Profeta Maomé (c. 570-632) julgou oportuno, e com razão, não mudar completamente os usos e costumes dos árabes pré-islâmicos pois, salvo nos casos de óbvia contradição dos preceitos religiosos ditados por Deus, julgou-se mais conveniente assimilar os usos e costumes árabes pré-advento do Islão à nova e última religião abraâmica²² que estava a surgir no Médio Oriente.

O maravedi, ou morabitino – **الدِّينَارُ الْمُرَابِطِيّ** *al-dīnār al-Murābiṭī*, ou seja, o Dinar Almorávida –, era a antiga moeda dos **المُرَابِطُونَ** Almorávidas (1040-1147), usada na Península Ibérica durante muitos séculos, com valor variável, mas geralmente próximo de 27 réis (c. 1430-1911). Os maravedis, ou morabitinos, começaram a circular na Península Ibérica durante o reinado de **عَبْدُ الرَّحْمَنِ النَّاصِرِ الدِّينِ** Abd al-Raḥmān III al-Nāṣir li-Dīn Allāh (890-961), oitavo Emir de Córdova (r. 912-929) e primeiro Califa de Córdova (r. 929-961).

Figura 24 – Dirham: Abd al-Raḥmān



Fonte: NUMISMÁTICA PLIEGO. Dirham abd al rahman iii 20386. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Dirham_abd_al_rahman_iii_20386.jpg.

²² Sobre as religiões abraâmicas na Antiguidade Tardia (c. fim do século III - século VIII), cf. Stroumsa (2015).

Durante os reinados de Fernando II de Leão (r. 1157-1188) e Afonso VIII de Castela (r. 1158-1214) os maravedis de ouro eram largamente usados, todos com inscrições em árabe. Durante o reinado de Afonso VIII de Castela, ao invés, a escrita em árabe em um maravedi encontrava-se acompanhada pelas letras ALF, assentes na parte inferior da moeda, que pesava quase 3,9 gramas.

Figura 25 – Maravedi de Afonso VIII



Fonte: CNG. Afonso VIII maravedí 701240. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Afonso_VIII_maraved%C3%AD_701240.jpg.

Durante os reinados de Jaime I de Aragão (r. 1213-1276) e Afonso X de Castela (1252-1284), ao invés, o maravedi passou a ser cunhado em prata, pesava 6 gramas e equivalia a 30 *dinheiros*. Um maravedi equivalia a seis maravedis de prata, ou seja 15 *soldos*²³ ou 180 *dinheiros*²⁴. Doze dinheiros constituíam um *soldo* e vinte soldos equivaliam a uma *libra*. Em Portugal, os morabitinos de ouro foram cunhados entre os reinados de D. Sancho I (r. 1185-1211) e D. Afonso III (r. 1238-1253).

O *dinheiro* era a moeda de troca usada em Portugal desde as últimas décadas do século XI até 1502. Doze *dinheiros* equivaliam a um *soldo* e vinte *soldos* equivaliam a uma *libra* (geralmente de prata). O *real* — cuja primeira menção é de 1339, aquando do reinado de D. Afonso IV (r. 1325-1357) e, portanto, alcunhado *alfonsim* —, foi introduzido por D. Fernando I (r. 1367-1383) alguns anos antes da sua morte (real de prata) e foi usado em Portugal e logo a seguir no (pré-) Império Português entre 1380 e 1911, altura em que foi substituído pelo *escudo*. Um *real* equivalia a 120 *dinheiros*, 10 *soldos* ou $\frac{1}{2}$ *libra*, e um *escudo* equivalia a 1000 *réis*. O *real branco*, introduzido por D. João I (r. 1385-1433), equivalia a 3 $\frac{1}{2}$ *libras* e o *real preto* equivalia a 7 *soldos*, ou seja, a $\frac{1}{10}$ do *real branco*. No reinado de D. Duarte I (r. 1433-1438), o *real branco* equivalia a 840 *dinheiros*. A partir do reinado de D. Manuel I (r. 1491-1521) o *real branco* passou a ser denominado *real*. Durante o reinado de D. João IV (r. 1640-1656), o plural de real, reais, começou a ser substituído pela sua forma alófona réis.

²³ Do Latim *solidus*, o soldo, ou sólido – νόμισμα *nómisma* (moeda) em Grego – era uma antiga moeda romana de ouro usada entre 284-641 da nossa era.

²⁴ O *dinheiro* foi a moeda usada em Portugal entre a última década do século XII até 1433, ano em que foi substituído pelo *real*.

VI

Contrariamente àquilo que se possa pensar, o mercado livre no Islão é uma constante positiva na vida dos muçulmanos, pois as mercadorias e todos os produtos produzidos pelos seres humanos podem e devem ser usados para o bem comum da comunidade (*ummah*) assim como do resto da Humanidade. O Alcorão e os *Aḥādīth* do Profeta Maomé, de facto, sublinham que a mercadoria e o dinheiro permitem o sustento dos filhos de Deus:

هَذِهِ بَضَعُنَا رَدَّتْ إِلَيْنَا وَنَمِيرُ أَهْلَنَا

as nossas mercadorias nos foram restituídas; vamos lá voltar a fim de adquirirmos mais provisões para as nossas famílias. (*Alcorão* 12:65; MACHADO, 1980, p. 246).

No mundo islâmico, além dos dirhans de prata e dos dinares de ouro, a cevada, o sal, as tâmaras e o trigo – de tradição pré-islâmica – eram usados nas transacções comerciais. Para evitar o abuso e a usura, o Profeta Maomé recomendara alborques justos e transparentes:

وَعَنْ عُبَادَةَ بْنِ الصَّامِتِ أَنَّ رَسُولَ اللَّهِ صَلَّى اللَّهُ عَلَيْهِ وَسَلَّمَ قَالَ: «لَا تَبِيعُوا الذَّهَبَ بِالذَّهَبِ وَلَا الْوَرِقَ بِالْوَرِقِ وَلَا الْبُرَّ بِالْبُرِّ وَلَا الشَّعِيرَ بِالشَّعِيرِ وَلَا التَّمْرَ بِالتَّمْرِ وَلَا الْمَلْحَ بِالْمَلْحِ إِلَّا سَوَاءً بِسَوَاءٍ عَيْنًا بَعَيْنٍ يَدًا بِيَدٍ وَلَكِنْ بَيْعُوا الذَّهَبَ بِالْوَرِقِ وَالْوَرِقَ بِالذَّهَبِ وَالْبُرَّ بِالشَّعِيرِ وَالشَّعِيرَ بِالْبُرِّ وَالتَّمْرَ بِالْمَلْحِ وَالْمَلْحَ بِالتَّمْرِ يَدًا بِيَدٍ كَيْفَ شِئْتُمْ». رَوَاهُ الشَّافِعِيُّ

Ubada b. as-Samit reported God's Messenger as saying, "Do not sell gold for gold, or silver for silver, or wheat for wheat, or barley for barley, or dates for dates, or salt for salt except equal for equal, kind for kind, payment being made on the spot; but sell gold for silver, silver for gold, wheat for barely, barley for wheat, dates for salt and salt for dates, payment being made on the spot, as you wish" (*Sunnah* 11).²⁵

O papel-moeda era e é permitido no Islão, desde que o seu valor se encontre ligado a uma das matérias-primas supracitadas. Desta forma, as notas de banco e os cheques são, meramente, um contrato entre o comprador – o possuidor do papel-moeda e/ou do cheque – e o vendedor de qualquer produto ou matéria-prima.

O comércio e as trocas comerciais entre indivíduos e nações são ações lícitas, basta que não se encontrem alicerçadas *بِالْبَاطِلِ* (*bil baṭīl*) em “coisas vãs” (ou injustas/ilegais), mas sim em acordos mútuos e honestos pelo bem comum. As “coisas vãs” são os jogos de azar (*الميسر* *al-Maisir* ou *القمار* *al-Qimār*), os quais são “severamente condenados no Alcorão”²⁶ e nos *Aḥādīth* do Profeta²⁷:

²⁵ “Ubada b. al-Samit relatou que o Profeta de Deus disse: “Não vendam ouro por ouro, ou prata por prata, ou trigo por trigo, ou cevada por cevada, ou tâmaras por tâmaras, ou sal por sal, excepto quando [os venderem] face ao seu valor, com o pagamento feito na hora; vendam ouro para comprar prata, prata para comprar ouro, trigo para comprar cevada, cevada para comprar trigo, tâmaras para comprar sal e sal para comprar tâmaras, com o pagamento feito na hora, segundo os vossos desejos”. (Tradução nossa).

²⁶ Cf. *Alcorão* 2:219; 5:90-91; Machado (1980, p. 116).

²⁷ Cf. *Sunnah* 27.

يَا أَيُّهَا الَّذِينَ ءَامَنُوا لَا تَأْكُلُوا أَمْوَالَكُمْ بَيْنَكُمْ بِالْبَاطِلِ إِلَّا أَنْ تَكُونَ تِجَارَةً عَنْ تَرَاضٍ مِنْكُمْ وَلَا تَقْتُلُوا أَنْفُسَكُمْ ۗ إِنَّ اللَّهَ كَانَ بِكُمْ رَحِيمًا

Ó crentes! Não deveis consumir os bens entre vós em coisas vãs, a não ser que se trate de negócio concluído entre vós por acordo mútuo; não deveis destruir as vossas pessoas. Deus é, certamente, misericordioso para convosco (*Alcorão* 4:29; MACHADO 1980, p. 102-103 e 116).

Quanto ao uso e significado da palavra cheque, do Persa شاه *shāh* (rei), o termo entrou no árabe (شَطْرَنْج *shatranj*) e, desta língua entrou no francês arcaico dos Quatrocentos (*eschequier* ou *eschequer*), com o significado de ataque ao rei durante um jogo de xadrez, o xeque-mate.²⁸ Do francês arcaico, a palavra passou para o inglês (*check*).²⁹ Por outras palavras, do facto de o rei estar morto surgiu a ideia de impedir ou bloquear alguém – o rei está a ser bloqueado no jogo de xadrez.³⁰ O cheque é, portanto, uma nota que dá ao comprador a oportunidade de verificar se os fundos a esta ligados são fidedignos; em caso contrário, a transacção (ou acordo/compromisso) é anulada, daí a escolha do termo cheque com o significado possível de travar um alborque ilícito, sem a existência da quantia do valor monetário correspondente (MORRIS; WALLARD, 2010).

Para evitar os abusos dos agiotas com a cobrança de percentagens altíssimas nos empréstimos, ou seja, para travar a usura, fenómeno muito comum na Península Arábica pré-islâmica, o Alcorão, categoricamente, proíbe tal prática, considerando-a abominável e equiparando-a a um crime, à rejeição da fé e aos politeístas, pois os الكَافِرُونَ *al-Kāfirūna* (infiéis)³¹ receberão a punição eterna no Além:

يَمْحَقُ اللَّهُ الرِّبَا وَيُرْبِي الصَّدَقَاتِ ۗ وَاللَّهُ لَا يُحِبُّ كُلَّ كَفَّارٍ أَثِيمٍ

Deus aniquilará a usura, mas aumentará com usura as esmolas. Deus odeia os infiéis e os criminosos (*Alcorão* 2:276; MACHADO, 1980, p. 50).

Nos *Aḥādīth*³² do Profeta Maomé, ao ser interpelado quanto às dívidas e ao pecado do politeísmo, o Profeta Maomé categoricamente afirma que tanto as obrigações pagas a um usurário quanto o paganismo são ofensas graves. Por outras palavras, a exploração por meio de dívidas (a usura) e a rejeição voluntária do monoteísmo – e a escolha, em contrapartida, (de permanecer no) do politeísmo – são transgressões que não agradam ao Senhor:

أَخْبَرَنَا مُحَمَّدُ بْنُ بَشَّارٍ، قَالَ حَدَّثَنِي عَبْدُ اللَّهِ بْنُ يَزِيدَ الْمُقْرِيُّ، قَالَ حَدَّثَنَا حَبِوَةُ، عَنْ دَرَّاجِ أَبِي السَّمْحِ، عَنْ أَبِي الْهَيْثَمِ، عَنْ أَبِي سَعِيدٍ، عَنِ النَّبِيِّ صَلَّى اللَّهُ عَلَيْهِ وَسَلَّمَ قَالَ " أَعُوذُ بِاللَّهِ مِنَ الْكُفْرِ وَالذِّينِ " . فَقَالَ رَجُلٌ تَعْمَلُ الذِّينَ بِالْكَفْرِ قَالَ " نَعَمْ " .

²⁸ Do persa کیش مات *kīsh māt*, ou seja, “o rei está morto”.

²⁹ A palavra reentrou na língua árabe como شيك *shik* e, em Persa, como چك *chek*.

³⁰ Jogo de xadrez: Árabe شَطْرَنْج *shatranj*; Persa: شَطْرَنْج *shatranj*.

³¹ Cf. Alcorão 109.

³² *Abādīth* أَحَادِيث, singular: حَدِيث. Um *hadīth* é a história (entenda-se, o relato) ou uma frase proferida pelo próprio Profeta Maomé ou transmitida por um dos seus companheiros mais próximos, primeiramente transmitida oralmente e depois recolhida em volumes (os *Abādīth* أَحَادِيث).

The Prophet [SAW] said: "*A'udhu billahi minal-kufri wa-dain*. (I seek refuge with Allah from *Kufr* and debt.)" A man said: "Are you equating debt with *Kufr*?" He said: "Yes" (*Sunnah* 50).³³

VII

Com a expansão do Islão fora da Península Arábica, após a morte do Profeta Maomé, e a concomitante instauração dos reinos, califados e impérios muçulmanos³⁴, surgiu a necessidade de cunhar moedas que reflectissem a realidade islâmica. Objectos como incenso, mirra, marfim, especiarias, ouro e pérolas, comumente usados como moedas de troca na era pré-islâmica, começaram a ser substituídos pelo *solidus* (moeda de ouro) do Império Bizantino (330-1453) e pela dracma (moeda de prata) do Império Sassânida (224-651). Durante o reinado do terceiro califa راشد *rāshid* “bem-guiado”, عُثْمَانُ Uthmān (r. 644-656), o letreiro بِسْمِ اللّٰهِ *bismillab* (em nome de Deus)³⁵ começou a ser estampado nas margens das dracmas persas, mais tarde substituído por excertos de Alcorão e as datas da Hégira. Contudo, foi só durante o reinado do quinto califa do الخِلافة الأموية *Califado Omíada* (661-750), عَبْد الْمَلِكِ ابْن مَرْوَانَ ابْن الْحَكَمِ Abd al-Malik ibn Marwān ibn al-Ḥakam (r. 685-705), que se começou a cunhagem em árabe, acompanhada por imagens de personagens islâmicas, como no caso dos califas (Figura 26). O dirham – do Grego *dracma* (moeda) – passa a ser a moeda de prata, e o dinar – do Latim *denarius* – será a moeda de ouro.

Figura 26 - Dinar da Dinastia Omíada a representar o Califa Abd al-Mālik



Fonte: First Umayyad Gold Dinar, Caliph Abd al-Malik. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:First_Umayyad_gold_dinar,_Caliph_Abd_al-Malik,_695_CE.jpg.

A inovação introduzida pelo Califa Abd al-Mālik foi o facto de, pouco mais de sessenta anos após a morte do Profeta Maomé, o mundo muçulmano finalmente passar a cunhar moedas em língua

³³ O Profeta, possa Deus honrá-lo e dar-lhe paz, disse: "*A'udhu billahi minal-kufri wa al-dain*". Encontro o refúgio em Deus contra os Infieis e as dívidas. Um homem disse: "Estás a equiparar a dívida aos Infieis?". Respondeu: "Sim". (Tradução nossa).

³⁴ Os الخلفاء الراشدين *Khulafā al-Rāshidūn* (os Califas Bem-guiados) foram os primeiros quatro califas do Islão a seguir a morte do Profeta Maomé, em 632, nomeadamente, أَبُو بَكْرٍ Abū Bakr (r. 632-634), عُمَرُ 'Omar (r. 634-644), عُثْمَانُ Uthmān (r. 644-656) e عَلِيّ 'Alī (r. 656-661). Seguiram o الخِلافة الأموية *Califado Omíada* (661-750), o الخِلافة العباسية *Califado Abássida* (750-1258; 1261-1517) e o Devlet-i 'Alīye-i 'Osmaniye *Império Otomano* (c. 1299-1922).

³⁵ Excepto a سُورَةُ السُّورَةِ *sūra* (capítulo) التَّوْبَةِ *al-Tawbah* (o Arrependimento), sūra 9, todas as سُورَاتٍ *sūwar* (capítulos) do Alcorão começam com este versículo: بِسْمِ اللّٰهِ الرَّحْمٰنِ الرَّحِیْمِ *bismillabi al-rahmani al-rahim*, em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso.

árabe e com imagens associadas ao mundo islâmico, deixando para trás a língua grega e a língua persa, ambas bastiões do mundo bizantino e sassânida (LILIE, 1976, p. 81-82; 101-102). Em 693, o *solidus* de ouro bizantino com a efigie de Cristo – a transgredir a ordem de nunca representar imagens de profetas do Islão, pois, no Islão, Jesus é um profeta – foi finalmente substituído pelo dinar.

Inscrito nas moedas podemos encontrar a alcunha **أمير المؤمنين** *Amīr al-Mu‘minīn* (Príncipe dos Fieis) – título usado para designar outros califas omíadas – assim como **خليفة الله** *khalīfat Allāh* (Califa de Deus) (ANJUM, 2012, p. 47; CRONE; HINDS, 1986, p. 7-11; MARSHAM, 2018, p. 7-8). As primeiras moedas islâmicas exibiam imagens de seres humanos, como no caso de Abd al-Mālik³⁶, o qual, mesmo não sendo um dos profetas do Islão, era sempre um ser humano e, como tal, a sua representação física nas artes plásticas, incluindo a cunhagem, era estritamente proibida. Era preferido, ao invés, a caligrafia para substituir imagens de seres vivos:

A caligrafia em caracteres árabes é uma faceta fundamental da arte islâmica, sobretudo graças ao facto de se encontrar estritamente ligada ao livro sagrado, o Alcorão. Se considerarmos o facto que no Islão ortodoxo (sunita) — assim como no Judaísmo e, depois da Reforma (1517), também em inúmeras denominações protestantes —, a representação e adoração de imagens de seres vivos é estritamente proibida, não é de admirar então que desde os primórdios a caligrafia muçulmana tenha tido um papel proeminente nas artes decorativas de todos os muçulmanos, servindo de meio artístico para representar e decorar rezas — quase sempre extrapoladas das *suras* corânicas mais conhecidas e/ou emblemáticas —, mesquitas, edifícios públicos, casas particulares, palácios, tapetes, capas de livros e textos de utilidade pública, tumbas e até amuletos. Devido à ausência de formas viventes na arte muçulmana (principalmente sunita), a caligrafia zoomórfica encontra-se assim muito desenvolvida em muitas áreas do mundo islâmico, onde animais, plantas e flores são na realidade formas alongadas e modificadas dos caracteres árabes (LEVI, 2020a, p. 110).

Os dinares de ouro de Abd al-Mālik exibem caligrafia islâmica (Figura 27) com citações extrapoladas do Alcorão, como **لا إله إلا الله الله وحده لا شريك له** “Não há Deus senão Alá, o Único, sem parceiros/sócios”, que passaram a ter o valor de uma fórmula religiosa, e o versículo 33 da sūra 9.

Figura 27 – Dinar de ouro de Abd al-Mālik 697-698



Fonte: Numismatics (2024)

³⁶ Há estudiosos a afirmarem que a imagem representada nessas moedas era a do Profeta Maomé e não do Califa Abd al-Mālik (HOYLAND, 2007, p. 593-596).

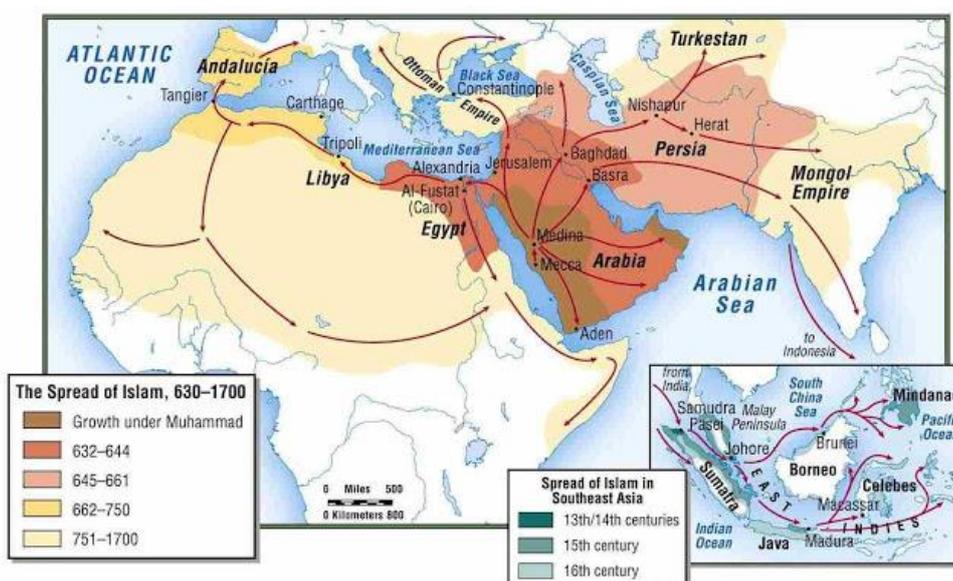
هُوَ الَّذِي أَرْسَلَ رَسُولَهُ بِالْهُدَىٰ وَدِينِ الْحَقِّ لِيُظْهِرَهُ عَلَى الدِّينِ كُلِّهِ وَنُورَ كَرَّةِ الْمُشْرِكُونَ

Foi Ele quem enviou o Seu apóstolo com a Direcção e a religião da verdade para a elevar acima de todas as outras, ainda que os idólatras fiquem despeitados (*Alcorão* 9:33; MACHADO, 1980, p. 202).

Alguns anos mais tarde, em 698, os dirhames de prata – de tradição iraniana – começaram a circular no mundo islâmico. Apesar de já não conterem elementos contrários aos preceitos islâmicos, eles continuavam a manter um sabor persa (DARLEY; CANEPA, 2018, p. 367).

VIII

Figura 28 – A expansão do Islão, 630-1700



Fonte: The Spread of Islam, 630-1700. *Ilmfeed*, 2014. Disponível em: <https://ilmfeed.com/cool-map-shows-spread-of-islam/>.

Entre o século VIII e o século XIII da nossa era, particularmente entre os séculos VII e IX o mundo islâmico conseguira chegar a um nível de crescimento científico, cultural e económico muito elevado, a assim-chamada Idade de Ouro Islâmica.³⁷ O esplendor e apogeu do Islão, guiado por estudiosos oriundos dos quatro cantos do vasto império muçulmano – do الأندلس *al-Ándalus* (711-1492) até à Ásia Central e mais além (Xinjiang³⁸ e o Sudeste Asiático) – e pertencentes à أهل الكتاب *ahl al-Kitāb*³⁹

³⁷ Alguns estudos também incluem nessa era o Renascimento Timúrida (1370-1857), enquanto que outros apontam para o fim do século XVI.

³⁸ Também grafado, nas suas formas aporuguesadas, Sinquião e Xinjião, a denominar a شىنجاك نۇيغۇر ئاپتونوم رايونى *Sinjang Uyghur Aptonom Rayoni*, ou seja, a Região Autónoma Uigur do Xinjiang da República Popular da China.

³⁹ Cf. *Alcorão* 2:17, 26, 61; 3:64-80, 98-99, 113-115, 187, 199; 4:47, 153-161; 5:62-63, 68-69, 71-72; 6:20; 9:29; 22:7; 17 e *Sunnah*.

(gente do livro, neste caso, cristãos, judeus e muçulmanos)⁴⁰ das três fé abraâmicas, alcançara níveis altíssimos de sabedoria. O conhecimento estava baseado em traduções, adaptações e melhoramentos de antigos estudos hindus, persas e greco-helénicos nos mais variados campos do saber humano, particularmente as Ciências, a Filosofia, e na implementação de um sistema económico transfronteiriço capaz de gerir e unir um vasto império, entre o Atlântico e o oceano Índico, passando pelo Mediterrâneo e o Golfo Pérsico. Entre as Ciências Físicas, sublinhamos a Astronomia, a Física, a Geologia e a Química, sem deixar de lado a Cartografia – campo esse, a abranger quer a Ciência quer a Estética (Filosofia) – e a Geografia, sendo esta última a ponte entre as Ciências Naturais e as Ciências Sociais (LEVI, 2005; 2012; 2020b).

IX

Como mencionado supra, a rede comercial a unir o mundo islâmico do Magreb à Ásia Central e ao Sudeste Asiático – passando pela África Ocidental, África Oriental, o Médio Oriente e o subcontinente indiano – principiara com a formação de Estados (Sultanatos) islâmicos, os quais favoreceram a expansão das trocas comerciais entre os seus vastos impérios (SHATZMILLER, 2011; BESSARD, 2020). Com a criação de uma única unidade política (a maioria das vezes estável) e o abrandamento (por vezes desaparecimento) de fronteiras políticas, abriram-se as portas para a livre circulação de produtos dentro e fora do mundo árabe-muçulmano, como no caso das relações comerciais com o Império Bizantino e o Império Sassânida, particularmente graças ao levantamento das taxas de circulação.

O uso de moedas de ouro (o dinar) e de prata (o dirham) – coadjuvado pelo uso, sempre crescente do Árabe, como língua de comércio – fez com que, no mundo islâmico, surgissem múltiplos polos ligados entre si pelo comércio local, regional e externo. Produtos agrícolas, especiarias, têxteis e uma miríade de artigos na altura considerados de alto valor mercantil eram permutados, comprados e exportados, favorecendo e a economia local e a do império à qual estavam ligados (LOMBARD, 2009; RODINSON, 1973, p. 56).

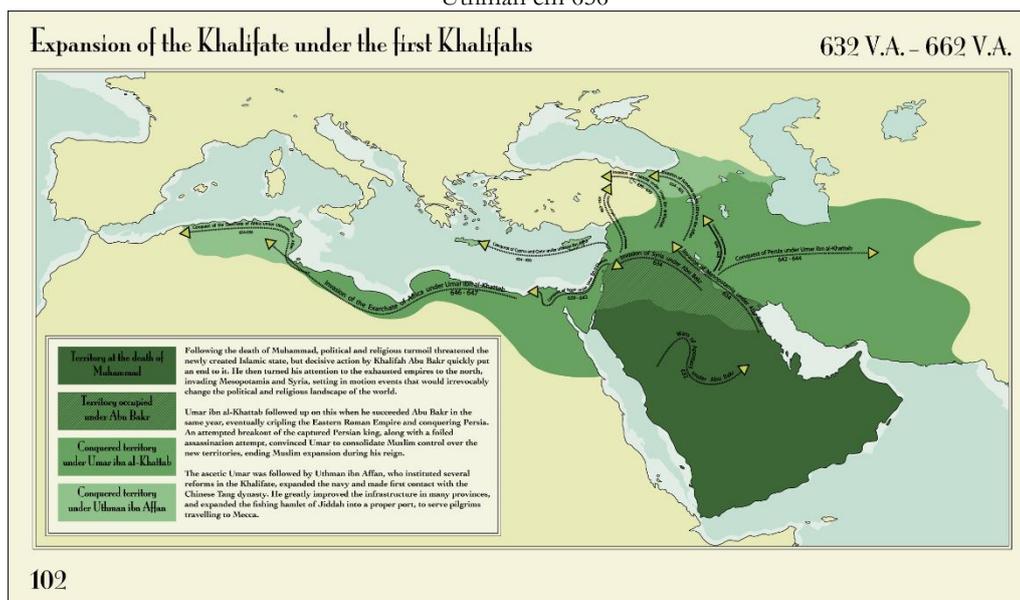
Durante o reinado do segundo califa رَاشِدٍ *rāshid* (bem-guiado), عُمَرُ بْنُ الْخَطَّابِ ‘Omar ibn al-Khaṭṭāb (r. 634-644), devido à expansão do Islão fora dos confins da Península Arábica, impulsionada pelas conquistas territoriais em solo arábico assim como no Levante, Egito, Azerbaijão e Pérsia (Irão), surgiu a necessidade de criar um sistema económico forte e estável. O estipêndio pago aos que defendiam

⁴⁰ “While living in دار الإسلام *dār al-Islām* (Muslim soil), the أَهْلُ الْكِتَابِ *Ahl al-Kitābi* ‘people of the book’ are to be considered ذَمِّي *dhimmi*, i.e., protected, because of their monotheistic faith. The People of the Book include Jews, Christians, Sabians, Zoroastrians, Hindus, Sikhs, Samaritans, and Mandaeans. The Qur’an and the *Abādīth* of the Prophet Muhammad either mention or allude to their monotheistic religion”.

“Enquanto se encontrar em دار الإسلام *dār al-Islām* (solo muçulmano), a أَهْلُ الْكِتَابِ *Ahl al-Kitābi* ‘gente do livro’ deve ser considerada ذَمِّي *dhimmi*, ou seja, protegida por causa da sua fé monoteísta. A Gente do Livro inclui os Judeus, Cristãos, Sabeus, Zoroastrianos, Hindus, Samaritanos e Mandeus. O Alcorão e os *Abādīth* do Profeta Maomé ou mencionam ou aludem à sua fé monoteísta” (LEVI, 2023, p. 7. Tradução nossa).

a religião e o império facilitou a livre circulação de capital através de um território que estava a expandir-se política, geográfica e economicamente em três continentes (Ásia, Europa e África). Esta livre circulação de capitais desencadeou a criação de novos centros urbanos, assim como revitalizou antigos burgos, ambos estrategicamente situados em posições geográficas chave para o movimento de dinheiro e mercadorias que, com o passar do tempo, impulsionaram a produtividade e o consumo de bens.

Figura 29 – Expansão do Califado: desde a morte do Profeta Maomé em 632 até à morte do Califa ‘Uthmān em 656



Fonte: Mapmania. Expansion of the Rashidun Caliphate. Disponível em: <https://i.pining.com/originals/a1/47/33/a14733a8f076f216103813e958d9f04f.png>.

O período que compreende o reinado dos **الرَّاشِدُونَ** *Rāshidūn* (r. 632-661) – ou seja, os primeiros quatro califas a seguir a morte do Profeta Maomé em 632) –, o Império Omíada (661-750) e o Califado Abássida (750-1258; 1261-1517), constitui um período de esplendor ímpar no mundo islâmico, no qual o crescimento económico acompanhou o fervor científico-cultural impulsionado pela força desta nova, e última, religião abraâmica.

O vasto império islâmico mercadejava com os quatros cantos do mundo de então (Europa, África e Ásia), por terra assim como por mar. Redes e rotas comerciais a ligarem o mundo islâmico ao resto do orbe, a partir de meados do século VII, começaram a expandir-se e a ficar um pouco mais globalizadas⁴¹, forjando um ambiente que garantia estabilidade e ascensão económica transversal e transregionalmente.

⁴¹ A Tomada de Ceuta (1415) e a Expansão Marítima Portuguesa, seguida pelos Descobrimientos Portugueses, foram os eventos que deram “o mundo ao mundo” e finalmente completaram a parcial globalização do orbe; iniciada pelos muçulmanos em meados do século VII e, antes destes, pelas trocas comerciais a larga escala introduzidas pela Rota da Seda (II século antes da nossa era – meados do século XV) a unir o Ocidente (Roma, o Império Bizantino, o Médio Oriente (em particular o Egito, o Levante, a Península Arábica e a Pérsia) à Ásia Central, ao subcontinente indiano, ao Sudeste Asiático e à China.

Entre as primeiras três décadas do século VII e meados do século XIII o mundo islâmico criou as bases para a formação de um império financeiramente próspero, capaz de impor o seu modelo económico nos territórios conquistados e assimilados (islâmicos e islamizados):

Actively promoted by the caliphate's government itself, the resulting commercial achievements thereby became the capstone of longstanding productive early Arab trade. Considerable quantities of articles destined for mass consumption, textiles and victuals were exchanged between distant provinces of the vast empire. There can be no doubt that this increase in the volume of trade ushered in a flourishing period for many. Industrial production was growing steadily, prices and salaries were rising, the demand for skilled labour was considerable and the population of the urban areas increased more and more. In other words, the major trends of social and economic development in the Islamic world were exactly contrary to those characteristics of the history of Europe during the same period, which, at the time, was going through a period of population decline along with a decline in trade (ARIF, 2023).⁴²

O Império Otomano (c. 1290-1922), foi herdeiro do sucesso árabo-persa das dinastias islâmicas que seguiram à morte do Profeta Maomé, assim como do Império Romano do Oriente (306-1453), no que diz respeito à criação de um sistema financeiro forte e estável. O fracasso da Quarta Cruzada (1202-1204) reforçou o poder das tribos túrquicas a residirem na Ásia Central, na Europa do Leste e no Mediterrâneo Oriental (Anatólia, Egito, Grécia e Levante).

De um pequeno Estado na borda do Império Bizantino, os **حاندان آل عثمان** Osmānī (Império Otomano) mantiveram-se no poder durante mais de seiscentos anos (1281-1924). As suas instituições económico-sociais mantiveram-se razoavelmente estáveis, sobretudo graças à sua abertura à presença do “outro” no seu seio, como os cristãos e os judeus (particularmente os sefarditas). Enquanto **أهل الكتاب** *ahl al-kitāb* (povos do livro), os cristãos e os judeus eram **ذمى** *dhimmi* (protegidos) pelo **فقه** *fiqh* (Lei Muçulmana). Devido ao seu estatuto de *dhimmi*, uma vez efectuado o pagamento da taxa **جزية** *jizyah*) a assegurar-lhes a protecção, **دئمة** *dhimmah*, os cristãos e judeus eram livres para circular dentro do espaço muçulmano (**دار الإسلام** *dār al-Islām*) e, conseqüentemente, contribuía para o bem-estar da nação islâmica.

Segundo fontes islâmicas coevas, o segundo sultão otomano, Orkhān Gāzī (r. 1323-1362), retarado na Figura 30, foi o melhor monarca de origem turcomana assim como o soberano mais poderoso da dinastia otomana (GLASSIE, 1991, p. 370). Foi durante o seu reinado que os otomanos finalmente deixaram de ser vassalos do Sultanato de Rūm **سلجوقيان روم** (1077-1308). Isto fez com que os otomanos começassem a cunhar moedas sem qualquer referência aos monarcas seljúcidas. Orkhān Gāzī,

⁴² “Promovidos vigorosamente pelo próprio Califado, os avanços comerciais alcançados transformaram-se no maior triunfo do comércio árabe, assente em séculos de experiência neste sector. Uma grande quantidade de artigos destinados ao consumo de massa, têxteis e víveres eram trocados entre províncias distantes do vasto império. Sem sombra de dúvida, este aumento no volume de comércio abriu a porta para a prosperidade de muitas pessoas. A produção industrial crescia com regularidade, os preços e os salários subiam, a demanda para trabalho especializado era considerável e a população das áreas urbanas continuava a crescer. Por outras palavras, as principais características do desenvolvimento social e económico no mundo islâmico eram exactamente contrárias às da história europeia do mesmo período histórico, pois a Europa nesta altura estava a passar por um período de declínio populacional acompanhado por um declínio comercial (Tradução nossa).

e não o seu sucessor **مُرَاد أَوَّل** Murād I (r. 1362-1389), também instituiu a infantaria dos janízaros (do Turco Antigo, nova tropa, ou seja, soldados exclusivamente destinados à guarda do sultão).

Figura 30 – Sultão Orkhān **غازي اورخان** (r. 1323-1362)



Fonte: “Orhan. Ottoman Sultan”. Britannica. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Orhan>

O Sultanato dos Ajūrān **السُلْطَنَةُ الأَجُورَانِيَّة** (sec. XIII – sec. XVIII), no Corno de África, a dominar o comércio no espaço índico durante mais de meio século, e o Império Otomano uniram-se na sua luta contra o monopólio português das transacções comerciais na bacia do Oceano Índico e mais além.

Figura 31 – Sultanato dos Ajūrān **السُلْطَنَةُ الأَجُورَانِيَّة**



Fonte: HAT SHEPSUT. *Positive African History*. Ajuran Sultanate. 2022-2023. Disponível em: <https://www.hatshepsut.co/ajuran-sultanate/>.

Um olhar atento às moedas cunhadas nos Sultanato dos Ajūrān entre 1300 e 1700 oferece algumas indicações sobre os liames comerciais no mundo islâmico, neste caso entre o Corno de África e o Império Celeste, em particular a Dinastia Sung (960-1279). As moedas (exemplos na Figura 32) seguiam o modelo otomano (osmanli) e não o padrão português (FREEMAN-GRENVILLE, 1963, p. 192-193; 1957, p. 174).

Figura 32 – Moedas com arabescos segundo o estilo tughra



Fonte: Freeman-Grenville (1963, p. 200)

Sem sombra de dúvida, o reinado de Solimão I, o Magnífico (r. 1520-1566)⁴³ – e, nomeadamente, de Süleyman II, que terá um papel importante na vida de Grácia Nasi e de José Nasi – representa o pico da supremacia e afluência económico-sociais dos Otomanos, quer no mundo islâmico quer no resto do orbe de então (LEVI, 2011, p. 3; 5). A expansão geográfica atingida durante o reinado de Solimão I – a cobrir uma grande parte do continente europeu, a Ásia e partes do continente africano – é contrabalançada por um amplo crescimento económico, cultural e artístico (artes plásticas, caligrafia, cerâmica, tapeçaria e têxteis) assim como por uma maximização da produção agrícola no vasto império.

Em 1581, o historiador otomano Mustafá Ali (Gelibolulu Mustafá Âlî bin Ahmed bin Abdülmevlâ Çelbi, 1541-1600), em uma das suas obras mais importantes, o *Nuṣḥatü's-selâṭin* ou *Conselho para os Sultões* (Figura 33), frisara a importância de um Estado cunhar a sua própria moeda, pois isto é o verdadeiro sinal da identidade e soberania nacionais (ÇERÇI, 2015; TIETZE, 1979-1982).

Figura 33 – *Nuṣḥatü's-selâṭin*

Fonte: KIVANC, E. A. *Mustafa Ali's Epic Deeds of Artists: A Critical Edition of the Earliest Ottoman Text about the Calligraphers and Painters of the Islamic World*. Islamic History and Civilization, 87. Leiden: Brill, 2011.

⁴³ Além de ter conquistado Belgrado (1521), Rodes (1522), Tabriz e Bagdade (1534), e de ter invadido a Hungria (1526), Solimão I é particularmente famoso por ter realizado uma considerável obra legislatora e, mormente, por ter feito de Istambul um grande centro intelectual onde, entre as demais artes, floresceram a Arquitectura e a Literatura.

Convém lembrar que, pouco mais de três décadas após o falecimento de Solimão I, em meados no século XVII, devido à “inflação” de moedas de prata oriundas das Américas (particularmente da América hispânica), o Império Otomano começou a importar e usar o dólar de leão neerlandês (Figura 34), pois em pouco tempo o *leeuendaalder* ganhara muita popularidade nos mercados e nas transações comerciais em território otomano (NYE; YOON, 2021).

Figura 34 - Dólar de leão neerlandês



Fonte: Nye; Yoon (2021)

A 23 de fevereiro de 1688, o assassinio do Grão-Vizir do Império Otomano, Abaza Siyavuş Pasha (Köprülü Damadı Abaza Siyavuş Paşa, r. 1687-1688), em consequência do descontentamento face à falta de pagamento do *Cülus bahşisi* (bónus devido aos janízaros, a elite do Exército dos sultões otomanos), e uma carestia ímpar na Anatólia, que deixou às populações só cascas de nozes e raízes de algumas plantas como alternativa à fome, fizeram com que o Estado otomano começasse a cunhar moedas de cobre.

Quase uma década mais tarde, em 1697, o Sultão Mustafá II (r. 1696-1703) emitiu um decreto a proibir a circulação de moedas estrangeiras no Império Otomano, pois julgava-se, e com razão, que as moedas estrangeiras em circulação fossem responsáveis pela crise económica.

Figura 35 –Mustafá II



Fonte: ZAND, R. From Paris to Tehran: Two Exhibitions Highlight Cross-Cultural Relations. *Islamic Art. Sotheby's*, 27 de mar. de 2018. Disponível em: <https://www.sothebys.com/en/articles/from-paris-to-tehran-two-exhibitions-highlight-cross-cultural-relations>.

A nova moeda de bronze, o *kurus* (Figura 36), juntou-se às moedas de prata, também em uso no vasto Império Otomano, e em pouco tempo chegou a ser a principal moeda de troca, situação que perdurou desde o fim do século XVII e durante todo o século XVIII.

Figura 36 – Kuruş de prata de Mustafá II sobreposto em um dólar de leão neerlandês (1648)



Fonte: Nye; Yoon (2021)

Mustafá II transformou completamente o sistema monetário vigente no seu império, o qual, como temos visto supra, estava a perder terreno face às moedas estrangeiras. O novo *kurus* foi a resposta, pois simplificou a cobrança de impostos em todo o território otomano. De agora em diante só o *kurus* será aceite como forma de pagamento. Esta transformação elevou o poder económico do sultão e, através dele, o poder de compra de um sultanato que perdurará até às primeiras décadas do século XX.

X

As viagens de exploração marítima e a Era dos Descobrimentos (c. séculos XV-XVII), seguida pela permanência lusitana nos quatro cantos do orbe, fizeram com que Portugal se transformasse em uma potência económica a nível global, a unir comercialmente a Europa ao continente africano, de um lado, e, através deste último, à Ásia, às ilhas do Pacífico e às Américas, do outro lado.

Os entrepostos comerciais ao longo das costas africanas – sendo o primeiro a feitoria na ilha de Arguim (أرغيم *Arghim* em Árabe), erguida em 1445 para regular as transacções comerciais de goma-arábica e escravos, esses últimos enviados a Portugal – foram os alicerces do modelo económico português estabelecido além-mar, trampolim para a criação de um monopólio comercial internacional, por meio do qual armas, munições, cavalos, tecidos e vinhos eram trocados por ouro, sal, especiarias, malagueta e marfim, produtos altamente cobiçados no continente europeu e mais além. Açúcar, (peças de) algodão, café, perfumes, prata, (peças de) seda e escravos, entre os produtos mais valorizados e rentáveis, foram depois adicionados a esta equação. No Quadro 2, encontram-se expostos os produtos, classificados de acordo com origem e destino, que circulavam no circuito comercial dominados pelos portugueses:

Quadro 2 - Circulação das mercadorias no mundo português

LOCATIONS From → To	COMMODITIES FLOW IN THE PORTUGUESE WORLD
1. Baltic-Portugal	cereals, amber, wheat
2. Germany-Portugal-Germany	metals, metal objects, arms, glass, armour — salt, wine, fruits, olive oil, hides
3. Portugal-Morocco	cloths, spices, lacquer
4. Morocco-Portugal	cereals, fruits, metals, coral, carpets, textiles
5. Madeira-Portugal	sugar, wines, dyes
6. Azores-Portugal	sugar, wines, wheat, cotton, dyes
7. Cape Verdes-Portugal	salt, maize, dye
8. Portugal-Western Europe	brazilwood, dyes, spices, ivory, peppers, sugar, wines, silks, salt, cloth, tobacco, dyewoods
9. Western Europe-Portugal	cereals, manufactured goods, woolens, textiles
10. Portugal-Italy	brazilwood, dyes, spices, ivory
11. Italy-Portugal	cereals, velvets, glass, faience
12. Portugal-Brazil	olive oil, flour, codfish, wines, tools, manufactured goods
13. Brazil-Portugal	brazilwood, sugar, gold, diamonds, hides, woods, resins, oils, cotton, tobacco, silver, beverages
14. East Africa-Portugal	ebony, gold, ivory, coral
15. Portugal-East Africa	cloth, glass beads
16. Brazil-West Africa	tobacco, gold, brandy, hides, horses
17. West Africa-Brazil	slaves, ivory
18. Southern Brazil-La Plata	sugar, slaves, rice
19. La Plata-Brazil	Silver
20. West Africa-Portugal	slaves, ivory, gold, peppers, musk
21. Portugal-West Africa	manufactured goods, textiles, blankets, metal objects, beads, bracelets, corn horses, shells
22. Goa/Cochim-Bandas/Moluccas	cottons, copper
23. Bandas/Moluccas-Goa/Cochim	cloves, nutmeg, mace
24. Goa-East Africa	Textiles
25. East Africa-Goa	slaves, gold, ivory
26. Goa-Hormuz	spices, silks
27. Hormuz-Goa	silver, horses
28. Goa-Portugal	spices, cottons, porcelains, aromatic woods, chintzes, ivory, precious stones, perfumes, lacquer, medicinal plants
29. Portugal-Goa	bullion, copper, metals, European clothes & linens, European goods, lenses, clocks
30. Goa/Cochim-Malacca	Indian linens, cotton goods, spices, pepper, ivory, lenses, clocks
31. Malacca-Cochim/Goa	gold, copper, silks, musk, porcelain, pearls, medicinal plants, Japanese objects
32. Malacca-Macau	spices, pepper, woods, hides, European goods, Indian cloths, ivory, lenses, clocks
33. Macau-Malacca	pearls, medicinal plants, porcelain, musk, silks, copper, gold, Japanese objects
34. Macau-Nagasaki	European goods, gold, silks, porcelains, musk
35. Nagasaki-Macau	Japanese silver, lacquerware, furniture, screens, weapons
36. Macau-Manila	Chinese silks, Indian cottons, furniture, porcelain
37. Manila-Macau	American silver

Fonte: Russell-Wood (1998, p. Xxxii).

Apesar de ter visto a luz durante o reinado de D. Afonso V (r. 1438-1481), foi só durante o reinado de D. Manuel I (r. 1495-1521), que o cruzado de ouro (Figura 37) se tornou a principal moeda

comercial usada no espaço lusitano, assim como em terras estrangeiras, incluindo o mundo muçulmano. Durante as primeiras três décadas do reinado de D. Afonso V, o cruzado de ouro valia 253 réis brancos. Durante os últimos anos do seu mandato régio, passou a valer 324 réis brancos.

Figura 37 – Cruzado de ouro cunhado sob o reinado de D. Afonso V



CGB. Portugal. Royaume de Portugal. Alphonse V dit “L’africain”. Cruzade, 11 de dez. de 2003. Disponível em: http://www.cgb.fr/portugal-royaume-de-portugal-alphonse-v-dit-lafricain-cruzade-n-d,v50_0203,a.html.

Durante o reinado de D. João II (r. 1477; 1481-1495), passou a valer 380 réis brancos e durante o reinado de D. Manuel I o seu valor subiu para 390 (1496) e, alguns anos mais tarde, até 400 réis brancos (1517). A cunhagem do cruzado de ouro findou em 1555.

Figura 38 – Cruzado de ouro cunhado no reinado de Manuel I de Portugal (1495-1521)



Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Cruzado_Ouro_D._Manuel.jpg.

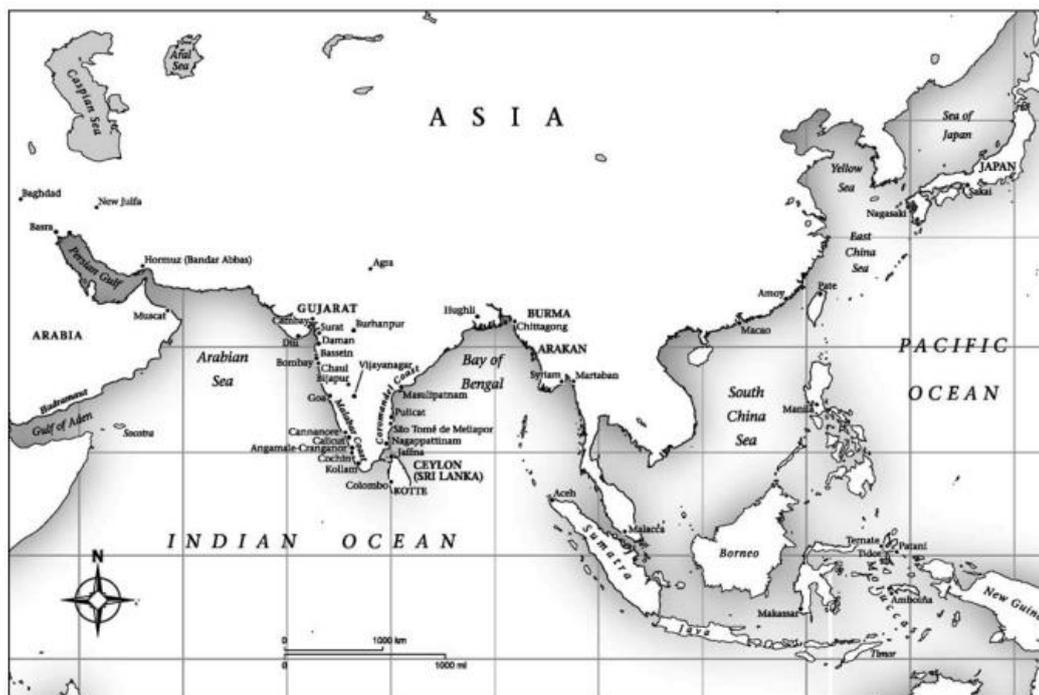
Durante o reinado de D. Manuel I, só o comércio das especiarias vindas do espaço índico geraram mais de um milhão de cruzados. Pouco mais de 65% dos rendimentos provinha dos impostos sobre as transações comerciais vindas do Oriente.

Em 1642, dois anos depois da Restauração Portuguesa, o cruzado de prata voltou a ser cunhado, por ordem de D. João IV (r. 1640-1656). O seu sucessor, D. Afonso VI, (r. 1656-1683), continuou a cunhá-lo; contudo, o seu peso foi diminuído em 25%, chegando, assim, a pesar só 17,9 gramas. A falta de um plano preciso e de uma infra-estrutura sólida capazes de fazer frente aos custos de manter a presença em terras africanas e asiáticas, onde se esperava que o comércio e o poder político pudessem, milagrosamente, sustentar e gerar autonomamente receitas, deixou a Coroa mais e mais dependente do investimento estrangeiro.

Na década de 60 do século XVI o endividamento ganhou contornos tão altos que a Casa da Índia já não conseguia fazer frente à falta de fundos para saldar suas dívidas. Como ocorrera na Antuérpia, alguns anos mais cedo (1549), os agentes portugueses aí instalados foram à falência. Contudo, já a partir de 1513, Goa, capital da Índia Portuguesa, passou a ter um papel fundamental na tarefa de unir económica e politicamente a Metrópole ao subcontinente indiano e, através deste, ao Sudeste Asiático (Malaca e as Ilhas Molucas), assim como à Ásia extrema (China, Coreia e Japão).

Em menos de quatro décadas, comerciantes portugueses, quer sob a alçada da Coroa, quer individualmente (através do comércio paralelo, ou seja, ilegal) tornaram Goa no fulcro de uma rede muito lucrativa, nomeadamente, graças ao comércio triangular que unia Lisboa (e o resto da Europa) à China e, através desta, ao Japão, passando pelo subcontinente indiano, o Sudeste Asiático e, por vezes, a Coreia (SOUSA, 2011;2015; 2018).

Figura 39 – Presença portuguesa e praças comerciais portuguesas no Sul da Ásia e no Sudeste Asiático



Fonte: BETHENCOURT, F.; CURTO, D. R. (org). *Portuguese Oceanic Expansion, 1400-1800*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. Disponível em: https://assets.cambridge.org/97805216/08916/frontmatter/9780521608916_frontmatter.pdf.

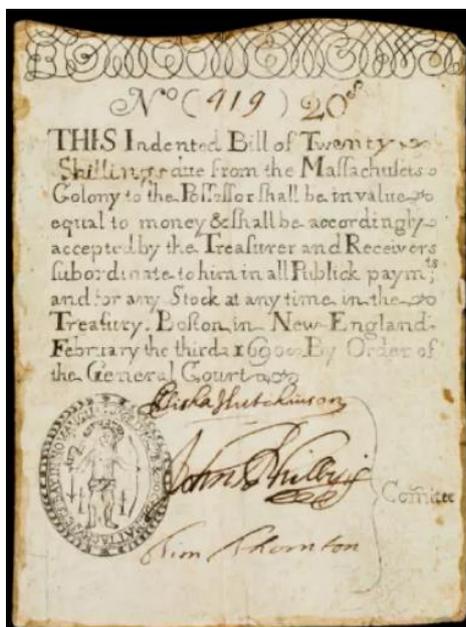
Sem sombra de dúvida, durante o fim do século XV e o início do século XVII, o comércio no espaço luso alem-mar fortaleceu a economia portuguesa, dando-lhe uma vantagem entre as congéneres europeias do momento. Contudo, as sequelas económicas negativas da Guerra da Restauração (1 de dezembro de 1640 a 13 de fevereiro de 1668), conflito que pôs fim a sessenta anos de União Ibérica – entenda-se, de dominação espanhola (1580-1640) – e o gradual, mas constante e economicamente

robusto, crescimento económico de outras Nações europeia – Espanha, Inglaterra, França e Holanda – contribuíram para o pautado declínio da economia portuguesa na Metrópole assim como no Império Português (COSTA; PALMA; REIS, 2015).

XI

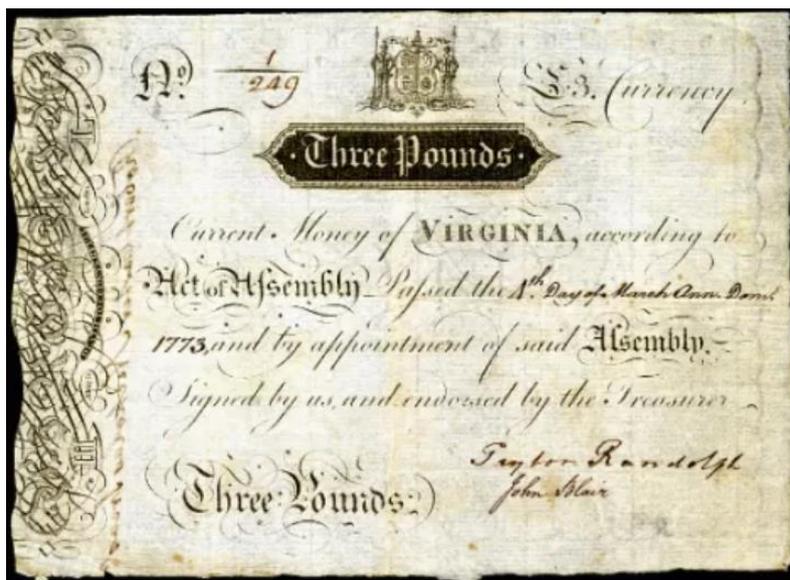
Durante a Guerra de Independência dos Estados Unidos (1775-1783), os revolucionários emitiram notas de banco (Figuras 40, 41 e 42) para custear a luta contra as tropas inglesas.

Figura 40 - Nota de banco da Massachusetts Bay y Colony



Fonte: FINN, L. H. Colonial Money, Military. Washington, DC: Smithsonian National Museum of American History. Disponível em: <https://www.uscurrency.gov/sites/default/files/styles/large/public/1690%20-%20Colonial%20Notes.jpg.webp?itok=X5WrQNIE>.

Figura 41 – Três libras (1766)



Fonte: NATIONAL NUMISMATIC COLLECTION. *Three Pounds*. Washington, DC: National Numismatic Collection at the Smithsonian Institution. Disponível em: <https://www.uscurrency.gov/history>.

Figura 42 – Nota de oito dólares (1775)



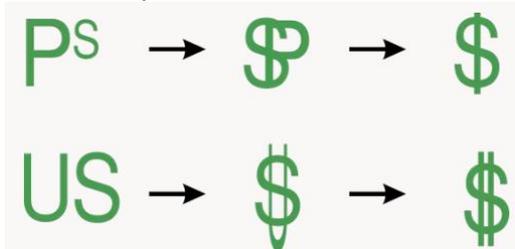
Fonte: University of Notre Dame. "Eight Dollars". *Uscurrency*. Disponível em: <https://www.uscurrency.gov/history>.

Contudo, devido ao facto de não estarem ligadas a um sistema bancário central, ou seja, ao tesouro britânico, e de serem feitas por material facilmente falsificável as notas de banco revolucionárias perderam o (alegado) valor financeiro e caíram rapidamente em desuso.

O símbolo do dólar americano surgiu, inicialmente, da transição do termo peso P^s para \$, passando pela sobreposição do P e do S usado na América hispânica, com a linha vertical a representar

o P. Após 1776, na recém-nascida nação dos Estados Unidos, a letra U e a letra S sobrepuseram-se, formando o emblema gráfico \$, com as linhas verticais a representarem, simbolicamente, o U, muito provavelmente uma alusão ao simbolismo das Colunas de Hércules, presente no verso do dólar espanhol (CORDINGLY, 1996, p. 36).

Figura 43 – Evolução do símbolo do dólar americano (1785)



Fonte: ZEDLITZ, J. Adoption of the Dollar Sign. *Uscurrency*. Disponível em: <https://www.uscurrency.gov/history>.

Devido à escassez de recursos e, mormente, à falta de referências históricas – pois estamos a falar de uma nação nascida em um novo continente, cuja herança socioeconómica autóctone não foi tomada em consideração – as primeiras treze colónias anglo-americanas adoptaram notas de bancos e moedas francesas, espanholas e inglesas para fazer face às suas necessidades económicas quanto à compra e venda de bens. De facto, as primeiras notas de banco das treze colónias anglo-americanas eram remíveis em dólares espanhóis serrilhados.

O dólar espanhol – ou *real de a ocho*, *peso fuerte* ou *peso duro* – era uma moeda de prata equivalente a oito reais espanhóis (*reales españoles*). A reforma monetária de 1497 abriu as portas para a cunhagem do dólar espanhol de prata, a circular no Império Espanhol. Devido à sua qualidade, o dólar espanhol foi usado largamente não só em solo hispânico, mas também no resto da Europa, no Oriente (China e Japão) e na América do Norte, de língua e cultura inglesas.

O yuan chinês e o iene japonês surgiram como moedas inspiradas no dólar espanhol (BABONES, 2017), assim como em outras moedas espanholas de oito reais (Figura 44). Portanto, não é de estranhar que o dólar espanhol tenha sido contramarcado para, depois, ser (re)usado em outros países e adaptados a cada sistema monetário local (ALLAN; AVILA-MARTE; BREEN., 2011).

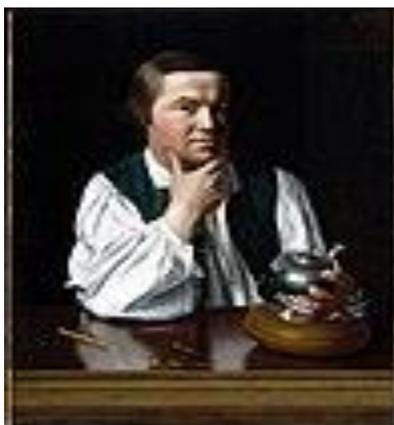
Figura 44 – Moeda espanhola de 8 reais



Fonte: NUMISMÁTICA PLIEGO. Católicos 8 Reales. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Reyes_Cat%C3%B3licos_8_reales_28829.jpg.

Como mencionado supra, na véspera da independência, em 1775, o Congresso Continental da futura nação dos Estados Unidos da América (1776), emitira notas de banco para suportar economicamente o conflito bélico contra a Metrópole londrina. O artesão ourives (sobretudo a trabalhar em prata) e industrialista Paul Revere (1735-1818) foi um dos mais célebres patriotas da Guerra da Independência dos Estados Unidos.

Figura 45 – Paul Revere



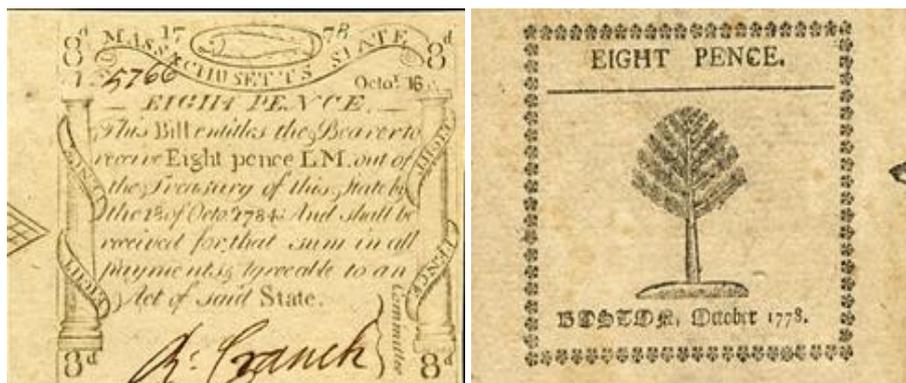
Fonte: COPLEY, J. S. Portrait of Paul Revere. Óleo sobre tela, 88,9 cm x 72,3 cm. 1768-1770. Bóston: Boston Museum of Fine Arts. Disponível em: <https://www.wga.hu/html/c/copley/revere.html>.

As suas “corridas noturnas” e o seu papel na composição de redes de inteligências na Nova Inglaterra para observar as actividades do Exército inglês são vistos como um emblema de patriotismo ímpar. Paul Revere também foi um dos primeiros norte-americanos a conceber a importância dos produtos metálicos para a produção em massa, particularmente tendo em conta as riquezas naturais da jovem nação norte-americana e o potencial para incorporar mais Estados, de modo a ter acesso a um número infindáveis de recursos naturais.

Mesmo não fazendo parte da *Continental Army* (Exército Continental, 1775-1783), Paul Revere foi incumbido pelo Congresso Provincial de imprimir notas de banco para recompensar os militares da área da hodierna grande Bóston (MILLER, 2010, p. 201-208). Os oito dinheiros (*pennies*), apresentados na Figura 46, foram assinados pelo juiz federal Richard Cranch (1769-1855) e impressos por Paul Revere em 1778.

Figura 46 – Oito dinheiros⁴⁴

⁴⁴ O *péni*, plural *pence* ou *pennies*, é a moeda de um dinheiro, ou seja, a centésima parte de uma Libra.



Fonte: NEWMAN NUMISMATIC PORTAL (NNP). Early Paper Money of America – Massachusetts, 1776 October 18. Disponível em: <https://nnpbeta.wustl.edu/library/imagecollection/514463>.

Muito provavelmente a gravura do pinheiro no verso da nota de banco foi gravada por Nathaniel Hurd (1730-1777), o primeiro gravador e ourives a trabalhar em prata (e talvez também em cobre) da grande Bóston (WARD, 2000).

O dólar espanhol foi, portanto, a inspiração para a criação do dólar americano. De facto, o dólar espanhol e outras moedas estrangeiras, como o franco francês (*franc français*), eram largamente usadas na jovem nação norte-americana não só nos anos que seguiram à independência (1776), como, também, durante pouco mais de oitenta anos após a emancipação. O *Coinage Act*⁴⁵ (Decreto da Cunhagem), de 1857, pôs fim a mais de oito décadas do uso de moedas estrangeiras (de prata e ouro) como moedas correntes em todo o território norte-americano (MUHL, 2001; ROTHBARD, 2008).

XII

O franco francês circulou em França e no espaço sob posse francesa entre 1360 e 1641. A sua moeda, o *livre tournois* (libra de Tours), um dos dinheiros mais usados em solo francês, equivalia a 240 *deniers* (dinheiros de Tours) e encontrava-se dividido por 20 *sols* (soldos), sendo cada *sol* (soldo) composto por 12 *deniers*.

O *écu* (escudo) de ouro viu a luz em 1266, durante o reinado de Luís IX de França (r. 1226-1270). Ao *écu à la chaise* (escudo do trono, 1337) e ao *écu à la couronne* (escudo da coroa, 1385) – este último a valer 1 *livre* (libra), ou seja, 20 *sous* (soldos) – seguiu-se o *écu au soleil* (escudo do sol, 1475), uma variante do *écu à la couronne*, criado por Luís XI de França (r. 1461-1483). Em 1640, o *écu à la couronne* foi substituído pelo *écu louis d'or*, escudo Luís de ouro (FRIEDBERG; FRIEDBERG 2024).

⁴⁵ Cf. LIBRARY OF CONGRESS. An Act Regulating the Currency of Foreign Coins in the United States. 10 de abril de 1806. Disponível em: <https://memory.loc.gov/cgi-bin/ampage?collId=llsl&fileName=002/llsl002.db&recNum=411>.

Figura 47 - Escudo de ouro (1498)



Fonte: CLASSICAL NUMISMATIC GROUP. *Écu louis XII*. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:%C3%89cu_louis_XII.jpg.

A partir da segunda metade do século XVI o impacto da descoberta do ouro e da prata na América Hispânica fez com que muitas economias europeias, inclusive os cofres de Paris, sentissem as consequências de uma queda financeira. A resposta da Coroa francesa foi valorizar o *écu* de ouro (1547), fazendo-o passar de 45 *sols* (soldos) para 60 *sols* (soldos). Contudo, esta manobra causou o efeito contrário, a saber, desencadeou uma inflação contagiante, que impôs o fim desta cunhagem inflacionada (1576).

A solução foi encontrada por Henrique III de França (r. 1574-1589) e Polónia e Grão-Duque da Lituânia (r. 1573-1575), o qual, em 1577, conseguiu estabilizar o *écu* mediante a criação de um novo sistema de moedas, compreendendo os *écus d'argent* (escudos de prata) e os *écus d'or* (escudos de ouro), que possuíam sinais nos dois lados da efígie, a flor-de-lis e os brasões da casa real (PORTEOUS, 1969, p. 182; 210; ROBERTS, 1996, p. 341). Em 1641, dois anos antes da sua morte, Luís XIII de França (r. 1610-1643) introduziu o *Louis d'or* (Luís de ouro, exposto na Figura 48) e o *Louis d'argent* (Luís de prata, na Figura 49), sendo este último equivalente a três *livres tournois* (libras de Tours).

Figura 48 – *Écu d'or* (1641)

Fonte: National Numismatic Collection. France, Gold Écu (1641) Struck during the Reign of Louis XIII. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/File:France_1641_Ecu_d%27Or_\(Louis13\).jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/File:France_1641_Ecu_d%27Or_(Louis13).jpg).

Figura 49 – *Écu d'argent* (1642) ()

Fonte: CGB. Louis XXX le Juste Écu d'argent, 1er poinçon de Warin 1642 Paris. *Cgb*, 2013. Disponível em: http://www.cgb.fr/louis-xiii-le-juste-ecu-dargent-2e-type-1er-poincon-de-warin-1642-paris-monnaie-de-matignon,v25_0984,a.html.

Como acontecera em outras partes do orbe, o dólar espanhol serviu de modelo para a criação da moeda local, neste caso o *Louis d'argent* francês a circular no espaço francófono. A Guerra de Sucesso Espanhola (1701-1714) desestabilizou o *livre tournois*, que foi substituído pelo *franc français* (franco francês) ou *franc germinal* (franco germinal) em 1795.

Imagem 50 – moeda de 5 francos de prata (1796)



Fonte: DUPRÉ, A. *Pièce de 5 francs en argent, première république An V* (1796). 2010. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:5_F_Union_et_Force_C_des_M.jpg.

XIII

Martha Washington (1731-1802) – primeira primeira-dama dos Estados Unidos da América entre 1789-1797, esposa de George Washington (1732-1799) – foi a primeira e mulher a aparecer nas notas de banco da jovem república norte-americana.

Figura 51 - Certificado de 1 dólar americano (1786)



Fonte: UNITED STATES SECRET SERVICE. Series 1886 Martha Washington One Dollar Certificate. *United States Secret Service*. Disponível em: <https://www.secretservice.gov>.

A 2 de Abril de 1792, com a homologação da Constituição, o *Mint Act* (Decreto da Casa da Moeda), estabelecia, oficialmente, um sistema nacional de cunhagem, sendo o dólar americano a principal moeda da jovem e única nação livre da América do Norte. Um ano depois, em 1793, a Casa da Moeda abriu as portas em Filadélfia. A novidade foi a aplicação e adoção, pela primeira vez na história mundial, do sistema decimal para uma moeda nacional.

Contudo, as primeiras notas de banco norte-americanas só começaram a ser emitidas em 1861, ano da Guerra de Secessão ou Guerra Civil Americana (1861-1865), entre a União e os Estados Confederados. Durante as quase sete décadas a separarem a lei que autorizou a emissão de notas de banco e a emissão de moedas em papel o Governo Federal emitiu notas do tesouro para mitigarem algumas dificuldades, como no caso da Guerra entre os Estados Unidos da América e a Grã Bretanha (1812-1815), a Guerra Mexicano-Americana (1846-1848) e a Crise Financeira do Pacífico (1857). Esta última provocou o pavor do Ocidente de uma falta de recursos financeiros a reperir o fracasso que acontecera no hemisfério norte, particularmente em Inglaterra e nos Estados Unidos (BURLINGAME, 2014; FULFER, 2022; GLASNER, 1997).

Durante seis décadas e oito anos, os bancos norte-americanos, distribuídos pelos então 34 Estados, a abrangerem quase mil e seiscentos bancos subvencionados por fundos oriundos de particulares, foram autorizados pelo Governo Federal a emitir as suas notas de banco. Devido ao elevado número de bancos, as notas de banco a circularem em um país em constante expansão para o Oeste, pouco mais de sete mil tipos, todas diferentes entre si, se encontravam em circulação da vertente atlântica até os estados e territórios.⁴⁶

⁴⁶ Os futuros Territórios que aderiram aos Estados Unidos a Virgínia Ocidental (1863), o Nevada (1864), o Nebraska (1867), o Colorado (1876), o Dakota Setentrional (1889), o Dakota Meridional (1889), o Montana (1889), Washington (1889), o Idaho (1890), o Wymoming (1890), o Utá (1896), o Oklahama (1907), o Novo México (1912), o Arizona (1912), o Alasca (1959) e o Havai (1959).

Entre abril e maio de 1861, ou seja, durante os primeiros meses da Guerra de Secessão (1861-1865), o Tesouro do Governo dos Estados Unidos começou a imprimir notas de banco especiais, sendo as primeiras denominadas *notes demand* (notas necessárias) ou *green backs* (costas verdes). Já em 1862, o Congresso dos Estados Unidos da América autorizou a emissão de notas de banco regulares.

Figura 52 – Certificado de um dólar americano (1889)



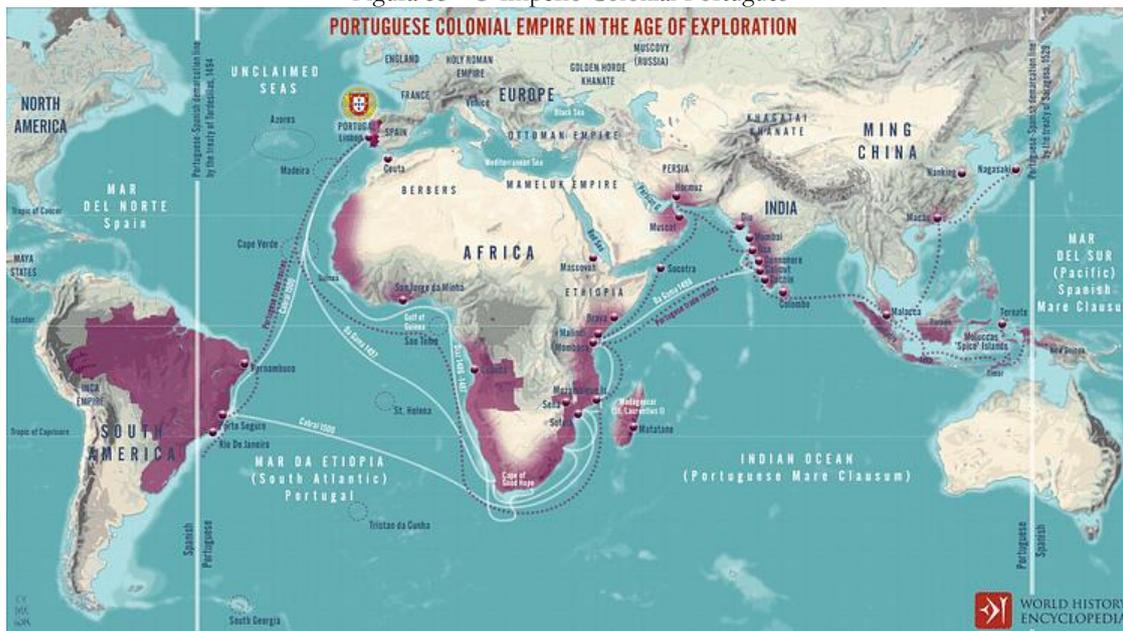
Fonte: History of United States Currency. From the 1700s to Today. *My Credit Union*.
Disponível em: <https://mycreditunion.gov/financial-resources/history-united-states-currency>.

CONCLUSÕES

Entre os séculos XV e XIX, nações como Portugal, Espanha e França, de um lado, o Mundo Muçulmano (incluindo o espaço otomano) e os Estados Unidos da América, do outro, conseguiram forjar e manter impérios (Figuras 53, 54, 55, 56, 57 e 58) que, apesar dos inúmeros obstáculos encontrados para alcançar o bem-estar social e a estabilidade político-económica – se encontravam assentes em sistemas financeiros nacionais e internacionais entrelaçados, a unir um mundo em constantes mudanças.⁴⁷

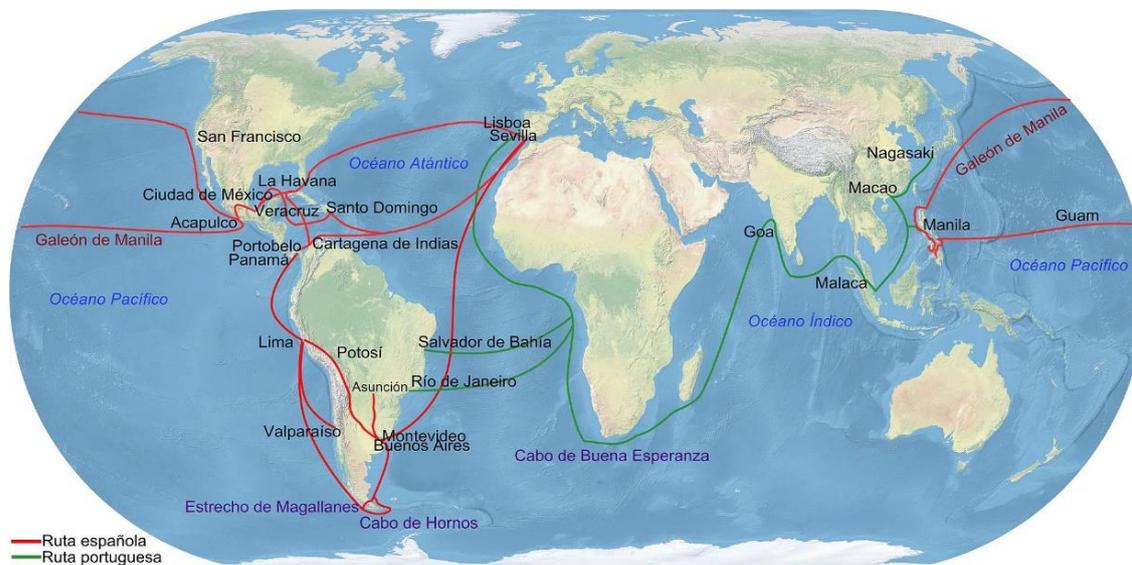
⁴⁷ Por razões de espaço físico, neste estudo só nos concentramos nas Nações e nas áreas geográficas acima referidas deixando de lado, quiçá para retomá-la em uma outra altura, a análise de outras Nações e zonas do orbe terráqueo que instituíram um império de grande envergadura económica, como no caso do Império Britânico e do Império Holandês, entre os demais Estados.

Figura 53 - O Império Colonial Português



Fonte: Netchev (2021)

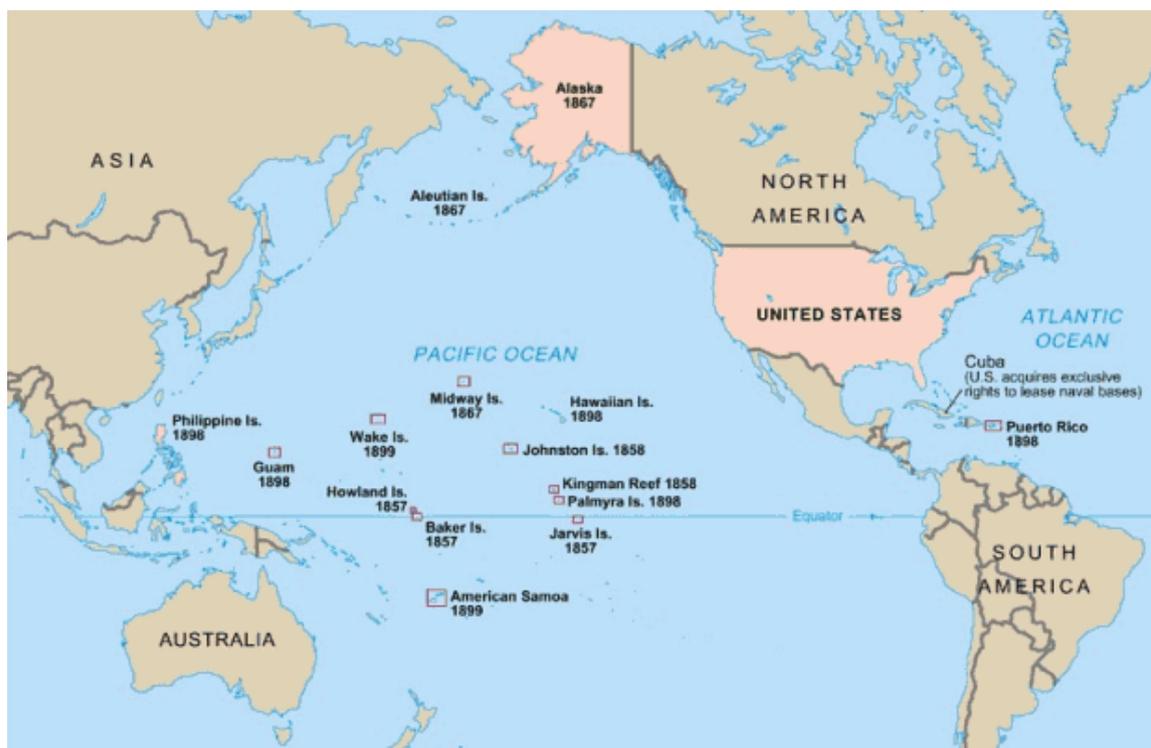
Figura 54 – Principais Rotas Comerciais do Império Espanhol



Fonte:

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Principales_Rutas_Comerciales_del_Imperio_Espa%C3%B1ol.jpg

Figura 58 – O Império Americano



Fonte: Canuck Map-American-Empire. *Alternative History*. 2012. Disponível em: <https://static.wikia.nocookie.net/alhistory/images/9/91/Map-american-empire.png/revision/latest?cb=20120704143902>.

Fatores políticos, como a formação de novas nações (nomeadamente, os Estados Unidos da América), as rivalidades e a competição entre Portugal, Espanha e França, de um lado, e a expansão do mundo islâmico (entenda-se, do Império Otomano), do outro, abriram as portas para um discurso mais alargado no qual a globalização, introduzida pelos Portugueses com a abertura da Carreira da Índia, a dar o mundo ao mundo, fez com que estatística, sociedade civil e religião contribuíssem para um movimento financeiro nunca dantes experimentado a escala nacional, inter-regional e global.

Pela primeira vez na história da Humanidade, entre o século XV e o século XIX, as numerárias, os alborques e os sistemas bancários instituídos, usados e mercadejados (ora legal, ora ilegalmente) no velho continente, nas Américas, na Ásia e em partes de África e da Oceânia por um punhado de nações avizinham povos e culturas através de um sistema monetário, o qual, apesar de se encontrar em constante fluxo, conseguiu estabelecer as bases da economia mundial de um novo século, nomeadamente, o século XX.

REFERÊNCIAS

- ABDY, R. The Severans. In: METCALF, W. (org). *The Oxford Dictionary Handbook of Greek and Roman Coinage*. New York: Oxford University Press, 2012. p. 507.
- ALLAN, J.; AVILA-MARTEL, A. de; BREEN, W. H. Coin. *Encyclopedia Britannica Online*. 29 de dez. de 2011. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20111229235442/http://www.britannica.com/EBchecked/topic/124716/coin>.
- ALFARO ASINS, C. *Diccionario de numismática*. Madrid: Ministerio de Cultura, 2009.
- ALMEIDA, J. M. de, org. *Eneida Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1981.
- ANJUM, O. *Politics, Law, and Community in Islamic Thought: The Taymiyyan Movement*. New York: Cambridge University Press, 2012.
- ARIF, A. D. Trade and Commerce during the Islamic Golden Age. *Review of Religions*, 25 de maio de 2023. Disponível em: <https://www.reviewofreligions.org/41191/trade-and-commerce-during-the-islamic-golden-age/>.
- BABONES, S. “The Silver Way” Explains How the Old Mexican Dollar Changed the World. *National Interest*, 30 de abr de 2017. Disponível em: <https://nationalinterest.org/feature/the-silver-way-explains-how-the-old-mexican-dollar-changed-20410>.
- BARRETO, J. F. *Eneida Portuguesa*. Lisboa: Oficina de Antonio Vicente da Silva, 1664-1670.
- BESSARD, F. *Caliphs and Merchants: Cities and Economies of Power in the Near East (700-950)*. Oxford: Oxford University Press, 2020.
- BIG SITE OF HISTORY. Colonial Empire of France. Modern Empires and Imperialism. Disponível em: <https://bigsiteofhistory.com/the-french-empire-modern-empires-and-imperialism/>.
- BROWN, K. 9 Ancient Currencies That No Longer Exist. *MSN*. 2023. Disponível em: <https://www.msn.com/en-us/money/markets/9-ancient-currencies-that-no-longer-exist/ss-AA1gU1Hk?ocid=msedgntp&pc=HCTS&cvid=6d279071f9a446d4b3f85eef87eb784f&ei=175#image=1>.
- BURLINGAME, L. Sunken Treasures: The World’s Most Valuable Shipwreck Discoveries. *Weather Channel*, 6 de out. de 2014. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20141006225818/http://www.weather.com/travel/12-amazing-sunken-treasure-discoveries-20130816?pageno=4>.
- BYZANTIUM565. Octavian and Antony Denarius. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Octavian_and_Antony_denarius.jpg.
- ÇERÇİ, F. (org). *Nushatü’s-Selâtin*. Istanbul: Büyüyenay, 2015.
- CHANTRAINE, P. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*. Paris: Klincksieck, 1999.

COHN, L. This Tiny, Remote Island You've Never Heard of Has Tropical Forest Trails, 13-foot Coin Currency, and Some of the Most Turquoise Waters in the World. *MSN*. 2023. Disponível em: <https://www.msn.com/en-us/travel/news/this-tiny-remote-island-you-ve-never-heard-of-has-tropical-forest-trails-13-foot-coin-currency-and-some-of-the-most-turquoise-waters-in-the-world/ar-AA19qdWk?ocid=msedgntp&pc=HCTS&cvid=0ce1f203c82842cda26f85a55c981837&ei=10>.

CORDINGLY, D. *Under the Black Flag: The Romance and the Reality of Life among the Pirates*. New York: Random House, 1996.

COSTA, L, F.; PALMA, N.; REIS, J. The Great Escape? The Contribution of the Empire to Portugal's Economic Growth, 1500-1800. *European Review of Economic History*, v. 19, n. 1, p. 1-22, Feb. 2015.

CRAWFORD, M. H. *Roman Republic Coinage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1974. 2 v.

CRONE, P.; HINDS, Martin. *God's Caliph: Religious Authority in the First Centuries of Islam*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

DARLEY, R.; CANEPA, M. Coinage, Persian. In: NICHOLSO, O. (org.) *The Oxford Dictionary of Late Antiquity*. Oxford: Oxford University Press, 2018.

FREEMAN-GRENVILLE, G. S. P. Coins from Mogadishu, c. 1300 to c. 1700. *Numismatic Chronicle, and Journal of the Royal Numismatic Society*, v. 3, p. 179-200, 1963.

FREEMAN-GRENVILLE, G. S. P. Coinage in East Africa before Portuguese Times. *Numismatic Chronicle and Journal of the Royal Numismatic Society*, n. 17, p. 151-179, 1957.

FRIEDBERG, A. L.; FRIEDBERG, I. S. *Gold Coins of the World. From Ancient Times to the Present. An Illustrated Standard Catalog with Valuations*. New York: Coin and Currency Institute, 2024.

FULFER, J. Panic of 1857: A Story of Speculative Finance. *Economic Historian*, 6 de jan. de 2022. Disponível em: <https://economic-historian.com/2020/07/panic-of-1857/>.

GAMBLE. An Ancient Economy: Chumash Indians Used Currency 2,000 Years Ago. *Scitechdaily* 20 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://scitechdaily.com/an-ancient-economy-chumash-indians-used-currency-2000-years-ago/>.

GLASNER, D. *Business Cycles and Depressions: An Encyclopedia*. Filadélfia: Library of Congress, 1997. Disponível em: <https://archive.org/details/businesscyclesde00glas>.

GLASSIE, H. *Turkish Traditional Art Today*. Bloomington: Indiana University Press, 1991.

HARKAVY, A. *Students' Hebrew and Chaldee Dictionary to the Old Testament*. New York: Hebrew Publishing Company, 1914.

HOYLAND, R. Writing the Bibliography of Muhammad. *History Compass*, n. 5, p. 581-602, 2007.

INSTONE-BREWER, D. *Traditions of the Rabbis from the Era of the New Testament*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004. 6 v. Disponível em: <https://archive.org/details/traditionsofrabb0000inst>.

JANCUK, K. How Did People Get Paid in the Pre-Columbian Americas? (Not in Gold). *The Collector*, 6 de mar. de 2024. Disponível em: <https://www.thecollector.com/getting-paid-pre-columbian-americas/>.

JASTROW, M. *A Dictionary of the Targumim, the Talmud Bali and Yerushalmi, and the Midrashic Literature*. Londres: Luzac, 1926. 2 v. Disponível em: <https://archive.org/details/dictionaryoftarg02jastuoft>.

KIVANC, E. A. *Mustafa Ali's Epic Deeds of Artists: A Critical Edition of the Earliest Ottoman Text about the Calligraphers and Painters of the Islamic World*. Islamic History and Civilization, 87. Leiden: Brill, 2011.

LANE FOX, R. *Traveling Heroes: Greeks and Their Myths in the Epic Age of Homer*. Londres: Allen Lane, 2008.

LEVI, J. A. Shaṛī'a Law and LGBTQIA+ People: More than Faith vs. Human Rights. In: *Social Activism – New Challenges in a (Dis)connected World*. SERPA, S.; KELLY, D. C.. (org). Londres: IntechOpen, 2023. p. 45-72.

LEVI, J. A. Século VII-XIX: Imagens da Arte Caligráfica Islâmica do Magreb ao Brasil. Da Tristeza à Esperança do Paraíso. In: SOUZA, G. M. B.; MANSO, M. de D. B. (org). *Difusão da fé por entre povos e lugares: instituições, religião e religiosidade no Império Português (século XVI-XIX)*. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2020a. p. 107-137.

LEVI, J. A. Beyond Invasion: the *Bāb* باب in the *Dār* دار, or rather, the Door in the Land. Islam as the Door to the Portuguese Age of Discoveries. *International Journal of Arts and Social Science*, v. 3, n, 4, p. 403-430, Jul.-Aug. 2020b.

LEVI, J. A. Muslim Science as the Source of the Portuguese Age of Discoveries. *Comparative Literature and Culture*. v. 14, i. 5, dec. 2012. *Purdue University CLCWeb: Comparative Literature and Culture*. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.7771/1481-4374.2135>.

LEVI, J. A. *Middle East History*. Boca Raton, FL: BarCharts, 2011.

LEVI, J. A. O Legado Islâmico de Al-Ândalus (711-1492). *Mentalities/Mentalités*, v. 19, n. 1, p. 19-31, 2005.

LILIE, R.-J. *Die byzantinische Reaktion auf die Ausbreitung der Araber*. Studien zur Strukturwandlung des byzantinischen Staates im 7. und 8. Jhd. Munique: Institut für Byzantinistik und Neugriechische Philologie der Universität München, 1976.

LIU, X.; SHAFFER, L. N. *Connections Across Eurasia: Transportation, Communication, and Cultural Exchange on the Silk Roads*. New York: McGraw Hill, 2007.

LOMBARD, M. *The Golden Age of Islam*. Trad. Joan Spencer. Princeton: Markus Wiener Publishers, 2009.

LUTTWAK, E. *The Grand Strategy of the Byzantine Empire*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

MACHADO, J. P. (org. e trad). *Alcorão*. Lisboa: Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1980.

- MARSHAM, A. “God’s Caliph” Revisited: Umayyad Political Thought in its Late Antique Context. In: GEORGE, A.; MARSHMA, A. (org). *Power, Patronage, and Memory in Early Islam: Perspective on Umayyad Elites*. New York: Oxford University Press, 2018. p. 3-38.
- MELVILLE-JONES, J. R. *A Dictionary of Ancient Greek Coins*. Londres: Seaby, 1986.
- METCALF, W. E. *The Oxford Handbook of Greek and Roman Coinage*. Oxford: Oxford University Press. 2016.
- MILLER, J. J. *The Revolutionary Paul Revere*. Nashville: Thomas Nelson, 2010.
- O MUNDO VARIÁVEL Moedas de pedra – ilha de Yap, 2015. Disponível em: <https://omundovariavel.blogspot.com/2015/07/moedas-de-pedra-ilha-de-yap.html>.
- MORRIS, E.; WOLLARD, K. Check. *The Word Detective*, 2010. Disponível em: <http://word-detective.com/2010/11/check/>.
- MUHL, G. When Foreign Coins Circulated Freely. *Crooked Lake Review*, Spring 2001. Disponível em: https://www.crookedlakereview.com/articles/101_135/119spring2001/119muhl.html.
- MUSCARELLA, O. W. *Archaeology, Artifacts, and Antiquities of the Ancient Near East Sites, Cultures, and Proveniences*. Leiden: Brill, 2013.
- HALL, L. A. *The Onomasticon of Julius Pollux: An Introduction to Translation*, v. IX-X. (Honors Thesis) – University of Oregon, Eugene, 1960.
- NETCHEV, S. Portuguese Colonial Empire in the Age of Exploration. *World History*, 29 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.worldhistory.org/image/14123/portuguese-colonial-empire-in-the-age-of-explorati/>.
- NYE, E.; YOON, D. Early Modern World Coins: The Ottoman Kuruş of Money. *American Numismatic Society Coinweek*, 4 de nov. de 2021. Disponível em: <https://coinweek.com/early-modern-world-coins-the-ottoman-kurus-and-the-control-of-money/#:~:text=Along%20with%20the%20kuru%C5%9F%2C%20the%20Ottoman%20state%20issued,means%20of%20exchange%20in%20the%2018th-century%20Ottoman%20Empire.>
- PETERSON, J. F.; TERRACINO, K. (org). *The Florentine Codex: An Encyclopedia of the Nahua World in Sixteenth-Century Mexico*. Austin: University of Texas Press, 2019.
- PÓLUX, J. *Onomasticon*. Trad. Erich Bethe. Lípsia: B.G. Tevbnneri, 1900-1931. 10 v.
- PORTEOUS, J. *Coins in History*. New York: G. P. Putnam’s Sons, 1969.
- ROBERTS, J. N. *The Silver Coins of Medieval France (476-1610)*. South Salem, NY: Attic Books, 1996.
- ROTHBARD, M. N. *The Mystery of Banking*. Auburn: Ludwig von Mises Institute, 2008. Disponível em: https://cdn.mises.org/Mystery%20of%20Banking_2.pdf.
- RUSSELL-WOOD, A. J. R. *The Portuguese Empire, 1415-1808. A World on the Move*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1998.

SHATZMILLER, M. Economic Performance and Economic Growth in the Early Islamic World. *Journal of the Economic and Social History of the Orient*, n. 54, p. 132-184, 2011.

SMITH, W. *A Dictionary of Greek and Roman Antiquities*. New York:: Harper & Brothers, 1845.

SOUSA, L. de. *Early-European Presence in China, Japan, the Philippines, and Southeast Asia (1555-1590)*. The Life of Bartolomeu Landeiro. Trad. Joseph Abraham Levi. Macau: Instituto Cultural de Macau, 2011.

SOUSA, L. de. *The Portuguese Slave Trade in Early Modern Japan: Merchants, Jesuits and Japanese, Chinese, and Korean Slaves*. Trad. Joseph Abraham Levi. Bóston: Brill, 2018.

SOUSA, L. de. *The Jewish Diaspora and the Perez Family Case in China, Japan, the Philippines, and the Americas (16th Century)*. Trad. Joseph Abraham Levi. Macau: Instituto Cultural de Macau, 2015.

STROUMSA, G. G. *The Making of the Abrahamic Religions in Late Antiquity*. Oxford: Oxford University Press, 2015.

SUNNAH 11. **كتاب البيوع** Business Transactions. Disponível em: <https://sunnah.com/mishkat:2819>.

SUNNAH 27. Drinks (Kitab al-Ashribah). Disponível em: <https://sunnah.com/abudawud:3672>.

SUNNAH 44. **تاب البيوع**. The People of the Book. Disponível em: <https://sunnah.com>.

SUNNAH 45. **كتاب البيوع** The Book of Financial Transactions. Disponível em: <https://sunnah.com/nasai:4567>.

SUNNAH 50. **كتاب الاستعاذة** The Book of Seeking Refuge with Allah. Disponível em: <https://sunnah.com/nasai:5474>.

TIETZE, A. (org). *Mustafā Ali's Counsel for Sultans of 1581*. Viena: Verlag der Österreichische Akademie der Wissenschaften, 1979-1982. 2 v.

WARD, G. W. R. Hurd, Nathaniel (12 February 1730 – 17 December 1777). *American National Biography*, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/anb/9780198606697.article.1700439>.

YAP, M. E.; STANDFORD, J. S. Ottoman Empire. *Encyclopedia Britannica*, 15 de abr de 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Ottoman-Empire>.

ZEDLITZ, J. Adoption of the Dollar Sign. *Uscurrency*. Disponível em: <https://www.uscurrency.gov/history>.

Data de aprovação: 29/10/2024

Copyright (c) 2024 politeia



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)